



Victoria Hautz do Carmo

**A VONTADE DE POTÊNCIA COMO CRIADORA DE MUNDOS: CONSIDERAÇÕES  
ACERCA DO CARÁTER PERSPECTIVISTA DA EXISTÊNCIA NA FILOSOFIA  
NIETZSCHIANA**

Florianópolis

2021

Victoria Hautz do Carmo

**A VONTADE DE POTÊNCIA COMO CRIADORA DE MUNDOS: CONSIDERAÇÕES  
ACERCA DO CARÁTER PERSPECTIVISTA DA EXISTÊNCIA NA FILOSOFIA  
NIETZSCHIANA**

Monografia apresentada como  
requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Filosofia pelo  
Curso de Graduação em Filosofia da  
Universidade Federal de Santa Catarina.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carolina de  
Souza Noto.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

do Carmo, Victoria Hautz

A vontade de potência como criadora de mundos :  
Considerações acerca do caráter perspectivista da  
existência na filosofia nietzschiana. / Victoria Hautz do  
Carmo ; orientadora, Carolina de Souza Noto, 2021.  
66 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, , Graduação em  
Filosofia, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Filosofia. 2. Perspectivismo. 3. Vontade de potência.  
4. Moral. 5. Conhecimento. I. de Souza Noto, Carolina .  
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Filosofia. III. Título.

Victoria Hautz do Carmo

**A VONTADE DE POTÊNCIA COMO CRIADORA DE MUNDOS: CONSIDERAÇÕES  
ACERCA DO CARÁTER PERSPECTIVISTA DA EXISTÊNCIA NA FILOSOFIA  
NIETZSCHIANA**

Monografia apresentada como  
requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Filosofia pelo  
Curso de Graduação em Filosofia da  
Universidade Federal de Santa Catarina.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carolina de  
Souza Noto.

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carolina de Souza Noto** (Orientadora)

Universidade Federal de Santa Catarina

---

**Prof<sup>º</sup>. Dr.º Celso Braida**

Universidade Federal de Santa Catarina

---

**Prof<sup>º</sup>. Dr.º. Pedro Paulo Garrido Pimenta**

Universidade de São Paulo

Dedico aos meus pais, Emerson e Cristina.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar devo agradecer aos meus pais. Se minha vida se fez possível, só foi a partir de vocês que ela se tornou digna. Agradeço infinitamente pela relação harmoniosa e forte que nossa família construiu.

Agradeço à professora Dr<sup>a</sup> Carolina de Souza de Noto por me auxiliar e estar sempre presente durante as minhas dúvidas e pedidos. Devo também agradecer, nesse sentido, a todos os professores do curso de filosofia da UFSC. Foram durante esses quatro anos, dentre esses, dois foram online, que compreendi o alcance poderoso da atividade filosófica.

A Nicolay, bico, por ter me mostrado uma dimensão que ainda não conhecia. Agradeço o amor e o companheirismo que criamos, algo que sempre quis. Parte da minha formação devo a você.

A todos os amigos e amigas que fiz em Santa Catarina. Quando me mudei de Jundiaí- SP para Florianópolis não conhecia ninguém. Um dos motivos de mudar de estado para estudar foi o desejo de conhecer o Brasil. Agradeço, portanto, àqueles que me mostraram um país que eu ainda não conhecia. Principalmente aos colegas antropólogos.

Agradeço à UFSC por um dos momentos mais significativos de minha vida. A universidade pública no Brasil é uma das mais importantes instituições do país. Se minha formação foi possível, é porque ainda existe conhecimento provido pelo Estado. Espero que o país venha a compreender o valor de sua própria criação antes que seja tarde demais.

A Friedrich Nietzsche, por me fornecer a ferramenta necessária: o perspectivismo.

*“Uma “coisa em si” é tão absurda quanto um “sentido em si”, um “significado em si”. Não há nenhum “fato em si”, mas antes um sentido há de sempre ser primeiramente intrometido para que um fato possa haver”(A Vontade de Poder, §556).*

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de evidenciar a centralidade do conceito de vontade de potência na obra de Friedrich Nietzsche. Ao expor sua centralidade constataremos que este conceito tem relação direta com a teoria do perspectivismo. Assim, pretendemos esclarecer no primeiro capítulo o que o filósofo entende por vontade de potência. Veremos que esse conceito é associado por Nietzsche ao conceito de vida. No segundo capítulo tratamos da questão do perspectivismo como condição para a vida. A união conceitual entre vontade de potência, vida e perspectivismo nos encaminhará para a argumentação defendida por Nietzsche de que a existência do cosmos e de suas entidades dependem do caráter perspectivista da própria existência. No terceiro e último capítulo veremos que as entidades que instanciam a vida, como o humano, devem existir a partir dessa mesma lógica, isto é, a partir do caráter perspectivista da existência. A moral e o conhecimento, portanto, serão utilizados para exemplificar o perspectivismo entendido como vital.

**Palavras-chaves:** Perspectivismo; Vontade de potência; Vida; Moral; Conhecimento.

## **ABSTRACT**

The present work aims to clarify the central position that the concept of will to power has in the work of Friedrich Nietzsche. After showing this central position, we will see that this concept has a direct relation with the theory of perspectivism. Thus, we aim to show in the first chapter what Nietzsche understands by will to power. We shall see that this concept is associated by Nietzsche with the notion of life. In the second chapter we will see that the theory of perspectivism is a basic condition to life. The conceptual union between will to power, life and perspectivism will lead us to the argument that the existence of the cosmos and its entities rely on the perspectivist characteristic of existence itself. In the third and last chapter we will see that the entities which are the instantiations of life, like the human, must exist through the same logic, that is, through the perspectivist characteristic of existence. Moral and knowledge, therefore, are going to be used as examples of the theory of perspectivism understood as vital.

**Keywords:** Perspectivism; Will to power; Life; Moral; Knowledge.

## **SIGLA DOS TEXTOS DE NIETZSCHE**

**VP** - A Vontade de Poder.

**AZ** - Assim falou Zaratustra.

**GM** - Genealogia da Moral.

**NT** - O Nascimento da Tragédia.

**BM** - Além do bem e do mal.

**GC** - A Gaia Ciência.

**SVM** - Sobre Verdade e Mentira.

**OB/ CI** - Obras Incompletas/ Crepúsculo dos Ídolos.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>13</b>
<b>2. Vida como vontade de potência</b>	<b>18</b>
2.1 A relação entre a(s) força(s) e a vontade de potência	20
2.2 Vontade de potência como <i>páthos</i>	25
<b>3. O que existe? Perspectiva e Interpretação!</b>	<b>30</b>
3.1 Perspectivismo	31
3.2 Interpretação	36
3.3 Configurações singulares das vontades de potência	40
<b>4. Humano como instanciação da vida</b>	<b>42</b>
4.1 Moral	45
4.1.1 Decrescente/negação/reactivo/escravo/asceta	48
4.1.2 Ascendente/afirmação/ativo/nobre	51
4.2 Conhecimento	53
4.2.1 Doutrina das perspectivas dos afetos	54
4.2.2 A relação entre cristianismo e ciência moderna	57
<b>5. Considerações finais</b>	<b>61</b>
<b>6. Referências bibliográficas</b>	<b>64</b>



## 1.Introdução

O termo perspectivismo nos últimos vinte anos parece ter ganhado uma força teórica superior quando pensado em relação com outros termos na filosofia e, principalmente, na antropologia. Ele mostra-se como uma espécie de “coringa” quando pretende-se tratar de “um determinado ponto de vista acerca de algo”. Mas o que isso quer realmente dizer? *O que configura um ponto de vista?* Qual o seu estatuto ontológico? E, além disso, podemos pensar em *configurações de pontos de vista?* Trata-se de questões relativas ao conhecimento? Ou algo além disso? Essas são algumas das questões que nos guiarão no presente trabalho.

Segundo Ernst Halbmayer

"As ideias perspectivistas foram originalmente desenvolvidas por filósofos como Gottfried Wilhelm Leibniz e Friedrich Nietzsche. [...] O perspectivismo de Leibniz foi categorizado como “objetivo”. Nisso está assumido que, apesar da aparente multiplicidade de perspectivas, haveria ainda uma única perspectiva abrangente ou um universo que fosse idêntico à perspectiva total de Deus. Nietzsche, para quem, como sabemos, Deus está morto, em contrapartida argumentou a favor de uma posição fundada mais na subjetividade e na biologia. No lugar de uma “epistemologia”, ele chamou de “uma teoria perspectivista dos afetos”.

Vemos na citação acima dois nomes que nos saltam aos olhos: Leibniz e Nietzsche. Existem divergências acerca da origem do pensamento perspectivista. Contudo, pretendemos aqui focar no *perspectivismo nietzschiano*. A parte final da citação mostra-se como fundamental para darmos início às nossas investigações. Seria o perspectivismo de Nietzsche uma “simples epistemologia”?<sup>2</sup>

Podemos refletir sobre o tema do perspectivismo de formas distintas. Essa “teoria” mostra-se, à primeira vista, como uma teoria do conhecimento clássica e há razões para tanto. Em seu livro *A filosofia perspectivista de Nietzsche*(2003), Antônio Marques constrói uma argumentação que defende o perspectivismo nietzschiano como uma epistemologia, isto é, uma

<sup>1</sup> Tradução nossa. Halbmayer, Ernst. **Debating animism, perspectivism and the construction of ontologies**. Indiana [em linha]. 2012, (29), 9-23[fecha de Consulta 24 de Julho de 2021]. ISSN: 0341-8642. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=247026964001>.

<sup>2</sup> Uma “simples epistemologia” aqui é entendida tal como a epistemologia tradicional compreende o conhecimento: “Uma crença verdadeira justificada”. Cf. DUTRA, Luiz Henrique de A. Verdade e Investigação: O problema da verdade na teoria do conhecimento. São Paulo, EPU, 2001.Ou ainda como uma epistemologia que pauta-se na ideia de um “sujeito puro do conhecimento” como diz Nietzsche.

epistemologia perspectivista. Ao seu ver, Nietzsche, antes de ser um pensador fora do contexto da modernidade filosófica, radicalizou os aspectos categóricos da epistemologia kantiana. Para ele:

“Uma teoria perspectivista do conhecimento só poderia constituir-se depois do trabalho de esvaziamento do interior de substâncias, como enteléquias, praticado pelo sujeito auto-afirmativo que identificamos com o sujeito transcendental kantiano”.(MARQUES, 2003, p.60)

Nesse sentido, o perspectivismo nietzschiano teria tido suas condições de possibilidade, segundo Marques, apenas depois da defesa de Kant sobre a existência de conceitos apriorísticos no que tange o conhecimento e da crença em categorias do entendimento. Contudo, o interesse de Nietzsche não era o de esclarecer a possibilidade da construção do conhecimento objetivo. O foco foi posto na pergunta: *Quem é esse “sujeito” que valoriza dessa forma tais conceitos?*

Houve, assim, um deslocamento dos questionamentos. Enquanto Kant se perguntava sobre as condições de possibilidade do conhecimento objetivo, Nietzsche se interessava pelo problema do *sentido*. Não trata-se, por isso, de questões relativas aos conceitos *a priori* que possibilitariam a objetividade. Pelo contrário, Nietzsche estaria disposto a questionar-se acerca desse sujeito que *valoriza* e, conseqüentemente, *interpreta* a realidade a partir dessa forma de pensar objetivamente, isto é, essa forma universalizante de pensar os conceitos. Para Marques, esse questionamento seria ainda da ordem do transcendental, já que se questiona pelo modo de conhecer. Contudo

O que até então não seria compreendido pela filosofia (incluindo a transcendental kantiana) é que existe na aplicação destas [categorias] um caráter *inevitavelmente interpretativo e relativamente arbitrário* que teria permanecido escondido aos olhos dessa mesma filosofia.(MARQUES, 2003, p. 66)

Posto isso, vemos que Antônio Marques possui evidências suficientes para aproximar as filosofias de Kant e Nietzsche. Todavia, a questão sobre o perspectivismo, além de ser “uma simples epistemologia”, como entende Marques, aparenta ser, ao mesmo tempo, algo além disso. Apesar de Nietzsche, como Marques comenta na citação acima, ter ido além e interpretado de uma forma inovadora a questão do conhecimento “a partir de Kant”, ele ainda defende a posição de que

a filosofia perspectivista de Nietzsche teria como objeto de estudo *apenas o modo de conhecer do humano*.

Entretanto, tal interpretação não leva em consideração a própria crítica de Nietzsche à ideia de sujeito auto-afirmativo e a concepção moderna de conhecimento. Segundo Eder Corbanezi

Antônio Marques trata o perspectivismo sobretudo como uma teoria do conhecimento. Além disso, estabelece um vínculo estreito entre as noções de perspectiva e de sujeito e considera o perspectivismo como antropomórfico e antropocêntrico, sem mencionar que, no limite, o perspectivismo implica a crítica de tais noções”. (CORBANEZI, 2013, p.36)

Começamos a ver agora os traços do problema que pretendemos investigar. Na seção 374 presente na *Gaia Ciência* Nietzsche se questiona:

“Até onde vai o caráter perspectivista da existência, ou mesmo se ela tem algum outro caráter, se uma existência sem interpretação, sem “sentido”[*Sinn*], não vem a ser justamente “absurda” [*Unsinn*], se, por outro lado, toda existência não é essencialmente *interpretativa* - isso não pode, como é razoável, ser decidido nem pela mais diligente e conscienciosa análise e autoexame do intelecto: pois nessa análise o intelecto humano não pode deixar de ver a si mesmo sob suas formas perspectivas e *apenas* nelas. Não podemos enxergar além da nossa esquina: é uma curiosidade desesperada querer saber que outros tipos de intelecto e perspectiva *poderia* haver: por exemplo, se quaisquer outros seres podem sentir o tempo retroativamente ou, alternando, progressiva e regressivamente (como o que se teria uma outra orientação da vida e uma outra noção de causa e efeito). Mas penso que hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele *pode-se* ter perspectivas. O mundo tornou-se novamente “infinito” para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele *encerre infinitas interpretações*. [...]”. (GC §374 - Nosso novo “infinito”).

Nietzsche apresenta sua interpretação acerca do intelecto humano e defende seu caráter perspectivista e interpretativo. Nesse aspecto, a interpretação de Marques mostra-se efetiva. Contudo, levando em conta todo o argumento da seção 374 vemos duas implicações que nos levam além da posição de Marques: i) não podemos determinar até onde pode ir esse caráter perspectivista e interpretativo da existência e ii) nem podemos determinar se há outro caráter que não seja da ordem do perspectivismo e da interpretação. No entanto, apesar de Nietzsche interpretar e defender que o intelecto humano opera de forma perspectivista e interpretativa, ele nos deixa entrever que “permanece aberta a possibilidade - não comprovável, mas tampouco passível de ser

definitivamente rejeitada - de que o caráter perspectivístico e interpretativo se estenda a outros homínidos da existência que não apenas o humano.”(CORBANEZI, 2013, p.25). Encontramos aqui a problemática central de nossa investigação. Sendo assim, indo contra a interpretação de Marques, não podemos apenas defender o perspectivismo nietzschiano como apenas “uma simples epistemologia”.

Pensar que “o caráter perspectivístico e interpretativo se estenda a outros homínidos da existência que não apenas o humano” já nos evidencia que a interpretação de Marques sofre contradições. Em *Além do bem e do mal* Nietzsche ainda anuncia que o perspectivismo diz respeito à *vida*. Segundo sua interpretação, a *perspectiva* é “a condição básica de *toda a vida*”.(p.08, 2005). Desta maneira, a defesa de Marques sobre o perspectivismo como uma mera teoria do conhecimento, entendida nos termos modernos, torna-se um tanto problemática, pois como vimos, o perspectivismo é associado por Nietzsche como condição da vida e não apenas como o modo por meio do qual o intelecto humano opera. Pelo contrário, a teoria perspectivista nietzschiana parece englobar o homem - num sentido de espécie- e o modo de funcionamento de seu intelecto, mas também toda a ideia de vida, isto é, tudo aquilo que vive e existe independentemente do homem. Consequentemente, Nietzsche “deixa entrever que o caráter perspectivístico se aplica a toda existência”. (CORBANEZI, 2013, p.26).

Sendo assim, buscaremos evidenciar esse caráter perspectivista da existência na filosofia nietzschiana. Veremos que, antes de pensarmos sobre a questão do conhecimento em Nietzsche nos moldes clássicos e modernos, temos que partir da noção de *vida* e não de um sujeito-puro do conhecimento, pois, como provaremos, o modo como esse sujeito opera diz respeito a *um determinado modo de vida*.

No primeiro capítulo, *Vida como vontade de potência*, apresentaremos a significação que o conceito de vontade de potência recebe no *corpus* do nosso filósofo. Veremos que esse conceito torna-se intercambiável como a noção de vida e tem relação direta com a teoria do perspectivismo.

No segundo capítulo, *O que existe? Perspectiva e Interpretação!*, pretendemos evidenciar a maneira pela qual Nietzsche relaciona a vontade de potência com o perspectivismo. Buscaremos fazer ver, nesse sentido, o *modus operandi* da vontade de potência e mostrar que é ela quem constrói perspectivas e interpreta o mundo, não apenas o sujeito auto-affirmativo.

No terceiro e último capítulo, *Humano como instanciação da vida*, utilizaremos da moral e do conhecimento para mostrar que os fenômenos humanos refletem o mesmo *modus operandi* da vontade de potência entendida como vida, isto é, comportam-se de forma perspectivista e denunciam uma determinada espécie de vida que pode afirmar ou negar a vida tal como Nietzsche a interpretava.

## 2. Vida como vontade de potência

“Chamamos “vida” uma multiplicidade de forças ligadas por um processo [Vorgang] de alimentação comum. A esse processo [Vorgang] de alimentação, como meio de sua possibilitação, pertence todo o assim chamado sentir, representar, pensar, isto é, . um repelir todas as outras forças; . uma disposição das mesmas segundo formas e ritmos; . um avaliar em relação à incorporação ou à excreção.” (VP § 641)

A vontade de potência<sup>3</sup> em Nietzsche é considerada por muitos dos seus comentadores como sendo o núcleo de todo o seu pensamento. Essa temática se faz presente em seus escritos desde sua juventude, sendo mais mencionada nos escritos produzidos no período comumente conhecido como o período de maturidade do seu pensamento, entre os anos de 1884 e 1888. É, porém, mais evidente em seus escritos póstumos. Contudo, é em *Assim falou Zaratustra* de 1883 que, assim como argumenta Marton(1990), Nietzsche introduz com maior rigor o conceito de vontade de potência e abre caminho para suas possíveis definições.

Tentando afirmar esta vida e apenas esta vida tal como Nietzsche a sentia, ele procurou, de acordo com Marton(1990), dar sentido à existência humana a partir daquilo que não recorresse à história da metafísica tradicional. Não que ele estivesse interessado em “acabar” com a metafísica presente nos sistemas de pensamento ocidental desde seus primórdios. Pelo contrário, queria fundamentar sua filosofia nas bases da cosmologia(MARTON 1990), pensamento através do qual lhe fez crer “que as reflexões sobre as esferas de atuação do homem no nível social e psicológico e as acerca da vida enquanto fato biológico estariam, de algum modo, relacionadas”(MARTON, 1990, p.29). Nietzsche, deste modo, defende que a relação de todas essas esferas teriam um único “princípio” que os unissem. Este princípio seria a *vontade de potência*. Segundo Marton

Nietzsche vislumbra um único e mesmo procedimento tanto na vida social e psicológica quanto na fisiológica. O conceito de vontade de potência, servindo como elemento explicativo dos fenômenos biológicos, será também tomado como parâmetro para a análise dos fenômenos psicológicos e sociais.(MARTON, 1990, p.29)

---

<sup>3</sup> Existem traduções em diferentes livros que utilizam termos distintos para tratar do mesmo conceito. Ora vemos vontade de potência, ora vemos vontade de poder. Nesse sentido, cremos haver uma certa intercambialidade entre os termos potência e poder. Contudo, em nosso texto, utilizaremos do termo potência ao invés de poder.

Como vimos, foi em *Assim falou Zaratustra* que Nietzsche introduziu com maior rigor o conceito de vontade de potência e, ao fazê-lo, relaciona-o com o conceito de vida: “Apenas onde há vida há também vontade: mas não vontade de vida, e sim - eis o que te ensino - vontade de potência!”(AZ II, Da superação de si mesmo). Onde há vida, portanto, há vontade de potência. Os termos se confundem e é para ser assim, pois para além do homem e de seu corpo, a vontade de potência diz respeito a *todo ser vivo*. Essa união conceitual faz-se presente também num de seus textos póstumos mais importantes. Em *A Vontade de Poder(Wille zur Macht)*<sup>4</sup>, Nietzsche(2011) diz: “Não há nada na vida que tenha valor fora do grau de poder – posto, justamente, que a própria vida é vontade de poder”.(VP § 55).

---

<sup>4</sup> A apresentação do livro, feita por Gilvan Fogel, esclarece que: “. A vontade de poder – tentativa de uma transvaloração de todos os valores são textos e não uma obra de Friedrich Nietzsche. Por obra, habitualmente, se entende e se subentende uma exposição sistemática, isto é, a apresentação de um tema, de um problema, de maneira articulada e bem composta (sistema), seguindo um fio condutor, uma certa ideia ou concepção orientadora. A rigor, ainda que a concepção “vontade de poder” acesse e conduza, quer explícita, quer implicitamente, todos os textos, A vontade de poder – tentativa de uma transvaloração de todos os valores não é isso – a saber, uma obra em sentido habitual ou canônico. Antes, trata-se de um apanhado de textos, de uma coletânea de anotações e de fragmentos, com base no vasto acervo póstumo [Nachlass] de Nietzsche, principalmente no que diz respeito às anotações do filósofo nos cadernos (uma incrível quantidade deles!) escritos na década de 1880, que foi a sua última década produtiva”.(2011, p.09)

## 2.1 A relação entre a(s) força(s) e a vontade de potência.

Um corpo - sendo ele químico, biológico, social ou político - é, segundo Deleuze(2018), a configuração advinda das forças em relação. Tomando o corpo humano como exemplo, Marton(1990) aponta para os processos de dominação e resistência que existem como condições para sua própria funcionalidade orgânica. Desde os tecidos até as células que compõem o corpo humano, mas não só, é possível perceber uma luta na qual a dominação de alguns promovem a resistência de outros. Dado isso:

“A luta garante a permanência da mudança: nada é senão vir-a-ser, ela faz também com que se estabeleçam hierarquias — e é isso o que conta por ora. Arranjam-se os diversos elementos de forma a que suas atividades se integrem; relações de interdependência determinam-se: uns se submetem a outros, que por sua vez se acham subordinados a outros ainda. Graças a essa organização hierárquica, diríamos graças a esse “sistema de vassalagem”, os vários elementos tomam-se coesos e formam um todo. Isso não significa, porém, que enfim se instaure a paz — nem mesmo uma paz temporária. As hierarquias nunca são definitivas; além disso, mandar e obedecer é prosseguir a luta”.(MARTON, 1990, p.32)

Esse processo, segundo Nietzsche, define o caráter processual da vida, já que esta, devido a constante luta travada pelas forças opostas, tende a estender-se no tempo e no espaço, caracterizando, desta forma, o devir inerente à vida. As forças opostas, partes constituintes do corpo, tendem a dominar e a resistir. A resistência, porém, é também considerada força. Como diz Deleuze, “O corpo é fenômeno múltiplo, sendo composto por uma pluralidade de forças irreduzíveis; sua unidade é a de um fenômeno múltiplo, “unidade de dominação”. Em um corpo, as forças superiores ou dominantes são ditas *ativas*, as forças inferiores ou dominadas são ditas *reativas*”.(2018, p.56). Vemos, assim, uma diferença qualitativa que engendra uma “hierarquia” que difere as forças. Tais conceitos estão diretamente relacionados com a origem das distintas morais. A busca por tais origens, por exemplo, foi o que consistiu a empreitada genealógica feita por Nietzsche em *A genealogia da Moral*, assunto que trataremos no terceiro capítulo. Mas qual seria a relação entre as forças e a vontade de potência?

Lembremos que vida e vontade de potência são uma e mesma coisa. Nietzsche, nesse sentido, está dizendo que i) vida é vontade de potência e ii) os corpos são as configurações advindas das forças em relação, sendo que esses corpos, como mencionamos acima, podem ter a forma de entidades químicas, biológicas, sociais ou políticas. Se os corpos são entendidos como configurações advindas das forças em relação, devem também ser entendidos como as entidades que promovem a vida. Mais uma vez vemos um termo relacionado com a noção de vida. Se os corpos são compostos por forças opostas e, ao mesmo tempo, existem como palco para vida, podemos inferir que Nietzsche, ao afirmar que vida é vontade de potência, afirma também que existe uma relação entre vontade de potência e forças. Isso nos fica evidente quando ele propõe no aforismo 619 de *A Vontade de Poder* uma dimensão relacional explícita entre os termos:

“O conceito vitorioso, “força”, com o qual nossos físicos criaram Deus e o mundo, necessita ainda ser completado: há de ser-lhe atribuído um mundo interno que designo como “vontade de poder”, isto é, como insaciável ansiar por mostrar poder; ou emprego, exercício de poder, pulsão criadora etc”.(VP § 619)

Assim, a vontade de potência mostra-se como sendo o “mundo interno” da força. Ela é atribuída à força como complemento ontológico. No entanto, não podemos confundir a vontade de potência com as forças, pois como diz Deleuze(2018, p.69): “a força é o que pode, a vontade de potência é o que quer”. Isso quer dizer que são as forças que constroem o mundo através da relação de dominar e resistir. O mundo interno - a vontade de potência- das forças, portanto, é encarregado de imprimir-lhes determinação, isto é, de dar-lhes direção e impor-lhes *diferenças*. São essas diferenças que constituem a luta incessante entre as forças atuantes nos corpos: enquanto uma domina, a outra resiste. Enquanto uma resiste, a outra domina. A vontade de potência, deste modo, é o que dá às forças as suas diferenças e é o que propicia suas relações.<sup>5</sup> Devemos sempre, por isso, falar em forças no plural, pois como vimos, o devir dos corpos depende do movimento que lhes são impostos pela luta incessante das *forças opostas*.

---

<sup>5</sup> Müller-Lautner em *Nietzsche: Sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*, parece também concordar com esse processo. Segundo ele, “a irradiação de vontades de potência” está atrás de tudo aquilo que aparece como forças”.(2009, p.63)

A força que domina e a força que resiste são qualitativamente diferentes. Essa diferença é possível devido ao papel fundamental que a vontade de potência exerce nas forças, suas qualidades [a das forças] refletem a própria vontade de potência que pode operar manifestando-se através do seu modo afirmativo ou negativo. Esse “princípio”, a vontade de potência, usa das forças como seu meio, como seu instrumento. O seu papel, como mencionamos acima, é o de propiciar uma diferença de origem nas forças. Como? Atuando como *devoir ativo* ou *devoir reativo*. Segundo Deleuze(2018), esse processo do devir, seja ele ativo ou reativo, deixa evidente que o mundo interno das forças - a vontade de potência - atua como elemento genealógico da força e genealógico aqui “quer dizer diferencial e genético”.(p.71).

Um das tentativas de Nietzsche foi a de apontar para uma negligência por parte dos físicos e biólogos de sua época, entre eles estaria Charles Darwin. A concepção de vida darwiniana estaria baseada na ideia de autoconservação das espécies, dando ênfase nos aspectos indigentes da vida. Darwin, por isso, entendeu “a luta pela existência como luta pela subsistência, vinculando-a à necessidade de autoconservação”.(MARTON, 1990, p.42). Isso é claro em Darwin, mas como bem lembra Deleuze(2018), esse modo de compreender a vida faz-se presente na modernidade como um todo.

Diferente de seus contemporâneos, Nietzsche busca fundamentar sua posição numa dimensão esquecida ou nem concebida pelos outros pensadores. Indo contra a ideia de conservação e abrindo novos caminhos para a compreensão do fenômeno da vida, ele opta por interpretá-la através do seu caráter não reativo, isto é, opta por interpretá-la através do seu caráter *ativo*. As forças que tendem à conservação foram denominadas de forças reativas e, por isso, “Nietzsche critica Darwin porque este interpreta a evolução e até mesmo o acaso na evolução, de maneira totalmente reativa.”(DELEUZE, 2018, p. 58). Desta forma, à sua maneira, Nietzsche compreende o fenômeno da vida por meio das forças ativas. As forças ativas, ao contrário do modo reativo, são da ordem da expansão, da agressividade, da criatividade e do acaso. Nietzsche nos deixa claro: “O que

é “passivo”? Ser tolhido no movimento que avança açambarcando: portanto, um agir da resistência e da reação. O que é “ativo”? É o que açambarca poder, dirigindo-se para fora.”(VP, § 657). Vemos, aqui, a razão pela qual as forças, direcionadas pela vontade de potência, necessitam ser compreendidas no plural, pois caso não houvesse o múltiplo, não haveria também movimento e, portanto, não haveria vida. Assim, a ciência moderna dedicou-se à via “consciente” da força, a força reativa. Contudo, Nietzsche aponta justamente para esse caráter ativo da força, dando-lhe a devida importância, já que as forças ativas *precedem* as forças reativas. A sua crítica à ciência moderna acha-se aqui. Devido à presença das forças reativas na dimensão consciente do humano, a ciência - em especial a biologia e a física moderna - teriam estudado os ambientes e os corpos pelas suas *reações*, não crendo haver uma dimensão anterior. Como claramente evidencia Marton(1990), “grande foi o equívoco de Darwin: tomou por causa o que não passava de consequência. A autoconservação não impele à luta, mas dela decorre”.(p.42). O que devemos ressaltar também é que, mesmo sendo de outra ordem, as forças reativas ainda são consideradas forças. Segundo Deleuze,

“Em Nietzsche, assim, como na energética, chama-se “nobre” a energia capaz de se transformar. A potência de transformação, o poder dionisíaco, é a primeira definição da atividade. Mas cada vez que marcamos assim a nobreza da ação e sua superioridade sobre a reação, não devemos esquecer que a reação designa um tipo de forças tanto quanto a ação, com a ressalva de que as reações não poderem ser apreendidas nem compreendidas cientificamente como forças, se não as relacionarmos com as forças superiores, que são precisamente de um outro tipo. Reativo é uma qualidade original da força, mas que só pode ser interpretada como tal em relação com o ativo, a partir do ativo”.(DELEUZE, 2018, p.59)

Nesse sentido, ambas as categorias de força são aquilo que manifestam a vontade de potência afirmativa ou negativa. Assim, diferente de Darwin, Nietzsche fundamenta sua concepção de vida a partir da união dessas, dando primazia às forças ativas que precedem as forças reativas. Antes de pensar a vida pelas reações indigentes, Nietzsche vislumbra uma vida rica que transborda vigor, onde os corpos buscam potência e não apenas reagem à falta dela. Segundo o filósofo: “[...] na natureza *não predomina* a indigência, mas a abundância, o desperdício, chegando mesmo ao

absurdo”.(GC § 349)<sup>6</sup>. Sendo assim, a interpretação de Nietzsche “não se justifica pela necessidade de autoconservação, mas aponta para a superabundância da vida.”(MARTON,1990 p. 43).

---

<sup>6</sup> A filosofia de Nietzsche foi um dos pilares teóricos para o pensamento francês do século XX. Dentre os pensadores franceses influenciados pela sua filosofia, podemos citar George Bataille(1897-1962). “A noção de dispêndio”, estudo publicado por Bataille em *La Critique Sociale* (n. 7), em janeiro de 1933, carrega traços evidentes da concepção nietzschiana de vida.

## 2.2 Vontade de potência como *páthos*

Até aqui, vimos que vida e vontade de potência são uma e mesma coisa. As forças, ativas ou reativas, são responsáveis em dar objetividade ao querer da vontade de potência, ou seja, ao querer da vida. Os corpos, configurações temporárias advindas das relações entre as forças, existem como uma das instâncias da vida, já que a vontade potência manifesta-se nas forças e as forças manifestam-se nos corpos. Lembrando que corpos são, como já mencionamos, entidades químicas, biológicas, sociais ou políticas. Assim, o fenômeno vida, tal como Nietzsche o entende, configura-se através de uma maneira específica de processo: a luta. Esse processo é desencadeado pela diferença qualitativa das forças, que ora dominam, ora resistem ou obedecem. Deste modo, “enquanto vontade de potência, a vida é mandar e obedecer; é portanto *lutar*.”(MARTON, 1990, p.48). Esse processo, como entende Nietzsche, faz-se presente em todos os corpos vivos. Nesse sentido, a vontade de potência quer antes mais potência e, para tanto, põe em relação - mediante a luta - as forças opostas que configuram os corpos, já que a “vontade de potência não pode deixar de querer mais potência: este é seu caráter intrínseco”.(MARTON, 1990, p. 40)

Sendo assim, as forças são dotadas de um elemento diferencial que tem como principal objetivo a função de diferenciar e determinar a vida tal como Nietzsche a interpreta. Esse princípio, indo contra a concepção moderna de vida, abre as portas para uma interpretação que concede ao fenômeno um aspecto plástico e criador. A vontade de potência mostra-se, pois, como aquilo que possibilita uma concepção de vida que, ao contrário de tender-se para a conservação, busca, a todo momento, a expansão de sua potência. A dinâmica da vida, assim, é aquela de eterno movimento engendrado pela relação das forças “instáveis em permanente tensão”(MARTON, 1990, p.57). Essas forças são as manifestações da vontade de potência. Esta última, por sua vez, “*manifesta-se como o poder de ser afetado, como o poder determinado da força de ser ela própria*

afetada.”(DELEUZE, 2018, p.83)<sup>7</sup>. Segue-se disso que a vontade de potência é a *manifestação do poder de ser afetado*.

Como já deixamos claro na seção anterior, a vontade de potência é considerada por Nietzsche como o mundo interno das forças e tem como fim impor diferenças de origem(devir ativo ou reativo) nas forças, atuando de forma genealógica. Aqui vemos que ela passa a desempenhar outro papel. Além de impor diferenças genéticas nas forças, a vontade de potência passa agora a desempenhar o poder de ser afetado. Essa afetação diz respeito ao próprio devir. Segundo Nietzsche: “A vontade de poder não é um ser, não é um devir, mas sim um *páthos* – esse é o fato mais elementar do qual, primeiramente, resulta um devir, um atuar”.(VP §635). Ele está nos dizendo que a vontade de potência tem duas funções: i. impor diferenças de origem nas forças e ii) manifestar-se como o poder de ser afetado. A segunda função mostra-se fundamental na medida em que o movimento do cosmos se faz possível apenas mediante a afetação. Ou seja, é atuando também como *páthos* que a vontade de potência engendra o devir inerente à vida.

A questão da sensibilidade vital mostra-se como um fator de extrema relevância para a nossa compreensão do conceito de vida em Nietzsche. Sendo que as forças são consideradas a manifestação da vontade de potência e que essa manifestação dá-se por meio da afetação que tais forças sofrem por outras forças e pela diferença genética, vemos que o fenômeno vida torna-se possível mediante essa qualidade de ser afetada, mas não num sentido passivo e sim num sentido de

---

<sup>7</sup> A questão da afetividade se faz presente em outros *corpus* filosóficos além do nietzschiano. Como é sabido, Spinoza(1632-1677) deu fundamentos para filosofias imanentes e monistas, diferente de Descartes(1596 - 1650). É possível, portanto, estabelecer uma relação clara entre o *conatus* spinozista e a Vontade de Potência nietzschiana como nos bem lembra Deleuze(2009). Esse, porém, não é nosso objetivo. Devemos, no entanto, ressaltar as distintas tradições que engendraram interpretações diversas na história do pensamento filosófico. Assim, como fez Deleuze, podemos relacionar o conceito de afeto nietzschiano com o spinozano. Segundo, Deleuze “O que Nietzsche chama “afeto” é exatamente a mesma coisa que Spinoza chama afeto, é neste ponto que Nietzsche é spinozista, a saber, são as diminuições ou os aumentos de potência...” (DELEUZE, 2009, p. 165). A precisa explicação de Deniz Alcione Nicolay nos deixa clara a relação aqui apontada: “A teoria dos afetos de Spinoza (expressa na *Ética*) é perfeitamente assimilável aos pressupostos filosóficos de uma ontologia radical. Ninguém antes de Spinoza colocou o indivíduo em tal posição, ou seja, na condição de sentir e experimentar a concretude das ideias. A clássica interrogação spinozista ‘O que pode um corpo?’ pode ser aprimorada pelo viés nietzschiano e se manifestar da seguinte forma: ‘Do que você é capaz?’ Ora, distante do cartesianismo, do humanismo e, de certa forma, do existencialismo, esse amalgama Nietzsche-Spinoza provoca a aurora de uma nova ética; uma ética que não exprime distinções entre corpo e espírito, que se fundamenta nas paixões alegres a fim de aumentar a potência de agir. Por isso, todo esforço realizado nessa direção merece atenção dos atores envolvidos e dos sistemas que validam tais práticas.”(2015, pg. 56).

afetividade.(DELEUZE, 2018). Faz sentido, portanto, ver que Nietzsche designa a vontade de potência como sendo “a forma de afeto primitiva”, e que “todos os outros afetos são apenas configurações suas”.(VP § 688). A vida, então, como Nietzsche a interpreta, configura-se como aquilo que imprime movimento na realidade por meio do atributo de ser *afetada*. Esse *páthos* é passível de compreensão através das forças que entram em relação e configuram os corpos vivos.

Poderíamos fazer um paralelo com a história da filosofia e pensar essa manifestação por meio da dicotomia clássica: essência e aparência, sendo a vontade de potência a essência e as forças a aparência. Entretanto, não seríamos fiel a Nietzsche. Se pensássemos em termos de essência, cairíamos no discurso da tradição aristotélica-platônica, lugar não tão querido por Nietzsche. A vontade de potência mostra-se como o oposto dessas ontologias, ela foge da unidade, foge da imutabilidade. Na verdade, busca a pluralidade, busca o movimento e a mudança, já que não almeja nada além de mais potência. Isso por si só, querer mais potência, deixa claro que a ontologia processual de Nietzsche inaugura um novo paradigma na história da filosofia e distancia-se, portanto, das ontologias clássicas gregas. A não ser, é claro, com exceção de Heráclito, pensador que coloca, segundo Nietzsche, o devir no âmago de suas reflexões. Deste modo, preferimos pensar o ser que, para o nosso filósofo, é o devir, como sendo a vontade de potência e que, para ser compreendido, faz-se necessário olharmos para sua manifestação, as forças.<sup>8</sup>

A dinâmica das forças, segundo Deleuze, mostra-se da seguinte maneira:

“Desagregar, cindir, separar expressam sempre a vontade de potência, tanto quanto ser desagregado, ser cindido, ser separado: “A divisão aparece como a consequência da vontade de potência”. Dada duas forças, uma superior e outra inferior, vê-se como o poder de ser afetado de cada uma é necessariamente preenchido. Mas esse poder de ser afetado não é preenchido sem que a própria força correspondente entre numa história ou num devir sensível: 1) força ativa, potência de agir ou de comandar; 2) força reativa, potência de obedecer ou de ser agido; 3) força reativa desenvolvida, potência de cindir, dividir, separar; 4) força ativa tornada reativa, potência de ser separado, de voltar-se contra si.”(DELEUZE, 2018, p. 83-4).

---

<sup>8</sup> Tendo em vista que a vontade de potência está por trás de tudo que existe - e não precisamos e nem devemos pensar em essência e aparência - nos fica claro que todos conceitos da tradição perdem força aqui. A negação de um sujeito racional consciente e um dualismo cartesiano já gasto serão negados e ultrapassados por Nietzsche. Trataremos disso no terceiro capítulo.

Existe, desta forma, uma dinâmica bastante peculiar entre as forças ditas ativas e reativas. Como já mencionamos, Nietzsche opta por defender o fenômeno vida por meio da dimensão que precede a autoconservação, a expansão. Assim, podemos conceber a luta das forças como um constante assenhoramento das forças ativas pelas reativas e vice-versa, pois as forças reativas desempenham um papel que ainda refere-se à vontade de potência, elas representam a vontade de potência de negação, o niilismo. Esse processo configura-se através da vontade de potência que ora se expande, cria e comanda, ora obedece, ora separa-se ou torna-se contra si. Todos esses modos, porém, dizem respeito à vontade de potência, isto é, ao modo antagônico e múltiplo(MÜLLER-LAUTNER, 2009) que caracteriza o fenômeno da vida. É interessante pensar que ao interpretar a vida como vontade de potência, Nietzsche nos diz que o fenômeno precisa também da *destruição* para existir. Pensar as forças antagônicas e múltiplas como aquilo que dá movimento aos corpos implica dizer que, para a expansão contínua e infinita da vontade de potência, é necessário a morte, pois para que esse processo se mantenha “vivo” é necessário “uma sucessão de processos de apropriação”(DIAS, 2011, p.38) de certas forças por outras. Assim, a vontade de potência mata para continuar vivendo, ela mostra que a finitude é parte *constitutiva* da vida e que “a destruição faz parte do processo vital: no âmago da natureza, não há construção sem destruição”.(DIAS, 2011, p. 39)

Portanto, o fenômeno da vida para Nietzsche é uma luta incessante entre forças que, devido ao elemento interno que lhes possibilita a afetação e lhes determina suas respectivas qualidades de forma genética, imprimem movimentos nos corpos e os tornam vivos. Movimentos esses que refletem o processo do devir característico da vida. Assim, “qualidade de todo acontecer, ela, que diz respeito ao efetivar-se da força, é fenômeno universal e absoluto ; em outras palavras”(MARTON, 1990, p. 57), “esse mundo é a vontade de poder — e nada além disso”.(VP § 1067).

No prólogo de *Além do bem e do Mal* Nietzsche nos confunde ao dizer que a perspectiva pode ser considerada a “[...]condição básica de toda a vida.”(BM, 2005, p. 08). O que devemos entender por isso? Já não havíamos determinado que a vida é vontade de potência e que as forças operam como sua manifestação? De fato, devemos reafirmar essas conclusões e mantê-las em mente. Devemos reafirmar também que a vontade de potência além de propiciar a diferença genética de origem nas forças, atua também como o *páthos* que origina o devir dos corpos. Contudo, ao fazer tal afirmação, Nietzsche está incluindo a teoria do *perspectivismo* em seu pensamento e relacionando-o, como *condição básica*, ao fenômeno da vida. É sobre essa relação e suas implicações que nos ocuparemos no próximo capítulo.

### 3. O que existe? Perspectiva e Interpretação!

*“Os físicos acreditam em um “mundo verdadeiro” à sua maneira: uma firme sistematização de átomos igual para todos os seres [Wesen] e com movimentos necessários, – de modo que, para eles, o “mundo aparente” se reduz ao lado acessível a cada ser [Wesen], segundo sua espécie, do ser [Sein] universal e universalmente necessário (acessível e também ainda preparado – feito “subjetivo”). Mas, com isso, enganam-se: o átomo, que postulam, é deduzido a partir da lógica daquele perspectivismo da consciência, – também ele próprio é, portanto, uma ficção subjetiva. Essa imagem de mundo que eles projetam não é, em absoluto, essencialmente distinta da imagem de mundo subjetiva: ela só é construída com sentidos estendidos pelo pensar, mas absolutamente com nossos sentidos... Por fim, sem sabê-lo, omitiram algo da constelação: justamente o necessário perspectivismo, em virtude do qual cada centro de força – e não somente o homem – constrói a partir de si todo o mundo restante, isto é, mede, apalpa, forma pela sua força...”(VP§ 636).*

No capítulo anterior iniciamos nossa investigação a partir do estabelecimento de certos termos e relações. Como vimos, Nietzsche nos deixa claro que o fenômeno da vida deve ser compreendido como uma *vontade de potência*. Isso se mostra claro quando o autor explicitamente diz: “a própria vida é vontade de poder”.(VP § 55).

Vimos também que *a vontade de potência opera de forma dupla: impõe às forças suas diferenças genéticas e, ao mesmo tempo, atua como páthos. Esse páthos, por sua vez, é o que possibilita o devir*. Lembrando que os modos das forças, ativas ou reativas, dizem respeito ao modo antagônico e múltiplo da vontade de potência, ou seja, da vida de existir. Lembramos também a crítica de Nietzsche sobre as considerações darwinianas do fenômeno da vida que, como bem defende nosso filósofo, interpretam a vida a partir de uma perspectiva indigente e reativa desta, sem dar-lhe a potência que lhe é particular.

Nesse sentido, começamos a ficar confortáveis com a ideia de que a vida e o mundo, para Nietzsche, são “a vontade de poder – e nada além disso!”.(VP § 1067). Todas as entidades do mundo acabam por instanciar a vida e, portanto, elas também são consideradas vontades de potência. No entanto, como começamos a evidenciar no final do capítulo anterior, no prólogo de *Além do bem e do mal*, Nietzsche atribui ao perspectivismo a “[...]condição básica de toda a vida.”(BM, 2005, p. 08). Devemos, a partir de agora, nos preocuparmos com essa condição básica da qual Nietzsche fala.

### 3.1 Perspectivismo

Esperamos que, até aqui, tenha ficado claro que a vida para Nietzsche é vontade de potência e, assim, quando falamos em vida, estamos falando em querer mais potência.

O perspectivismo aparece no *corpus* nietzschiano como sendo a condição básica da vida. Muito mencionado, mas pouco entendido, o perspectivismo de Nietzsche não se fecha numa “teoria do conhecimento subjetivista e antropomórfica”(CORBANEZI, 2014, p.22). Pelo contrário, como já mencionamos, trata-se de uma condição básica da *vida* e não apenas diz respeito ao modo de conhecer do humano. Deixemos claro, portanto, que antes de pensarmos de forma epistemológica, devemos primeiro refletir sobre o caráter vital do perspectivismo.

Quando pensamos no perspectivismo nietzschiano existe uma seção em *Gaia Ciência* que se destaca.

“Até onde vai o caráter perspectivista da existência, ou mesmo se ela tem algum outro caráter, se uma existência sem interpretação, sem “sentido”[*Sinn*], não vem a ser justamente “absurda” [*Unsinn*], se, por outro lado, toda existência não é essencialmente *interpretativa* - isso não pode, como é razoável, ser decidido nem pela mais diligente e conscienciosa análise e autoexame do intelecto: pois nessa análise o intelecto humano não pode deixar de ver a si mesmo sob suas formas perspectivas e *apenas* nelas. Não podemos enxergar além da nossa esquina: é uma curiosidade desesperada querer saber que outros tipos de intelecto e perspectiva *poderia* haver: por exemplo, se quaisquer outros seres podem sentir o tempo retroativamente ou, alternando, progressiva e regressivamente (como o que se teria uma outra orientação da vida e uma outra noção de causa e efeito). Mas penso que hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele *pode-se* ter perspectivas. O mundo tornou-se novamente “infinito” para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele *encerre infinitas interpretações*. [...]”. (GC §374 - Nosso novo “infinito”).

Antes de defender o perspectivismo vital, Nietzsche apresenta sua interpretação acerca do intelecto humano e defende seu caráter perspectivista e interpretativo. Disso se segue que i) não podemos determinar até onde pode ir esse caráter perspectivista e interpretativo da existência e ii) nem podemos determinar se há outro caráter que não seja da ordem do perspectivismo e da interpretação. Contudo, apesar de Nietzsche interpretar e defender que o intelecto humano opera de

forma perspectivista e interpretativa, ele nos deixa entrever que “permanece aberta a possibilidade - não comprovável, mas tampouco passível de ser definitivamente rejeitada - de que o caráter perspectivístico e interpretativo se estenda a outros homínidos da existência que não apenas o humano.”(CORBANEZI, 2014, p.25). Vemos, assim, que Nietzsche apresenta nessa seção uma certa hesitação em assumir definitivamente que o caráter perspectivístico e interpretante pode ser estendido para toda a existência. Entretanto, como já expomos no início desse capítulo, Nietzsche acaba estendendo o caráter perspectivístico para além da cognição humana quando este aponta como condição básica para a vida *o perspectivismo*.

Ora, desde o início de nossas investigações, tentamos deixar claro que vida para Nietzsche é vontade de potência. Nesse sentido, o perspectivismo diz respeito à vontade de potência e, como já vimos, “esse mundo é a vontade de poder — e nada além disso”.(VP § 1067). Devemos, no entanto, lembrar de uma relação essencial: vontade de potência e forças. A vontade de potência faz parte da força como seu mundo interno e, por isso, essas duas dimensões da mesma coisa devem ser compreendidas conjuntamente. Ressaltamos que, como evidenciamos no primeiro capítulo, é a vontade de potência quem determina genealogicamente a qualidade das forças e age como o *páthos* que implica o devir das configurações de forças. Ela, portanto, tem dupla função: determina a qualidade das forças a partir do seu modo afirmativo ou negativo de existir - o que engendraria forças ativas ou reativas - e atua como a sensibilidade da força, isto é, existe como o *páthos* que promove o devir.

A relação entre o perspectivismo e a vontade de potência, assim, passa a dizer respeito à própria força, já que a vontade de potência é seu mundo interno. Isso nos fica evidente quando Nietzsche afirma: “Por fim, sem sabê-lo, omitiram algo da constelação: justamente o necessário perspectivismo, em virtude do qual cada centro de força – e não somente o homem – constrói a partir de si todo o mundo restante, isto é, mede, apalpa, forma pela sua força...”. (VP § 636). Ainda ironiza os físicos pois estes “esqueceram de computar essa força que põe perspectivas no “ser

verdadeiro” [“wahre Sein”]”.(VP § 636). Deste modo, é a partir de um centro de força que atua de forma *perspectivista* que, como Nietzsche declara, não só o homem, mas todos os seres vivos pertencentes ao cosmos, o mundo é “construído”. Ou seja, é por meio de *uma perspectiva originada de uma determinada configuração de forças* que o mundo passa a ser interpretado. Sendo assim, “Da sua perspectiva [a da força], ela organiza o mundo”.(MARTON, 1990, p. 211)

Se a passagem de *Para além do bem e do mal* nos levou à relação entre perspectivismo e vida, o que, conseqüentemente, nos levou à relação entre vontade de potência e perspectivismo, agora vemos, por meio dessas passagem acima que se encontram nas anotações póstumas em *A Vontade de Poder*, que o perspectivismo diz respeito ao modo de efetivar das forças, isto é, é a partir de centros de forças que todo o resto é interpretado. Mas lembremos: a vontade de potência é o mundo interno das forças. Nesse sentido, se pensamos a relação entre força e perspectiva, pressupomos que a perspectiva trata-se, pois, da própria vontade de potência, já que é ela quem determina o comportamento das forças. Logo, “associar os conceitos de perspectiva e de vontade de potência, significa dizer que uma perspectiva é sempre perspectiva de uma vontade de potência”.(CORBANEZI, 2014, p. 29)

Se, como já dissemos, os corpos são as configurações temporárias advindas da relação entre as forças, devemos, por isso, inferir que as próprias perspectivas das vontades de potência também operam da mesma forma. Se os corpos mudam, suas perspectivas mudam. A mutabilidade, portanto, é característica pertencente a toda perspectiva, já que a própria vida configura-se como um devir.

O conjunto de textos publicados e póstumos, sendo assim, nos confirmam que tudo aquilo que existe, existe segundo a sua condição vital, a saber, o perspectivismo. As inquietações de Nietzsche na seção 374 de *Gaia Ciência* parecem ter sido resolvidas por ele mesmo quando afirma: “Cada centro de força tem sua perspectiva para todo o resto, isto é, sua valoração inteiramente determinada, sua espécie de ação, sua espécie de resistência”. (VP § 567). Continua e faz a seguinte

e determinante exclamação: “Como se ainda restasse um mundo quando descontássemos o perspectivismo!”(VP § 567)<sup>9</sup>.

Há, nesse sentido, uma relação necessária entre a existência e o perspectivismo. Se Nietzsche defende tal relação, é porque interpreta a mudança histórica dos corpos por meio de um processo inerente à própria vontade de potência, a vontade *de mais potência*, o que está diretamente relacionado com o devir. Deste modo, o devir só se faz possível através da vontade de potência que atua de forma perspectivista. Sendo assim, ele afirma:

“ Meu modo de ver é que cada corpo específico anseia por tornar-se senhor de todo espaço, por estender sua força (– sua vontade de poder:) e repelir tudo que obsta à sua expansão. Mas ele se depara continuamente com o mesmo ansiar de outros corpos e termina por arranjar-se (“unificar”-se) com aqueles que lhe são aparentados o bastante: – assim eles conspiram, então, juntos, pelo poder. E o processo segue adiante...” (VP §636).

Todo esse processo de expansão da vontade de potência efetiva-se de forma perspectivista. São as vontade de potência que, como mundo interno da força, configuram perspectivas e, como já dissemos, uma perspectiva é sempre perspectiva de uma vontade de potência. O devir, portanto, é justificado pela necessidade da vontade de potência de se expandir o que, por sua vez, justifica as inúmeras configurações de forças que irão sempre construir pontos de vistas distintos, isto é, irão sempre perceber o mundo de um determinado lugar e, justamente por isso, “Nietzsche acaba por ressaltar o caráter perspectivista do mundo, ao concebê-lo como campos de força instáveis em permanente tensão; o perspectivismo nele estaria inscrito”.(MARTON, 1990, p. 221).

Dito isso, vemos que a cosmologia de Nietzsche atribui ao mundo e às suas entidades uma condição necessária, a saber, a perspectiva. A perspectiva, porém, implica algo mencionado por

---

<sup>9</sup> Há intérpretes que defendem uma interpretação acerca do perspectivismo que se estende à totalidade da existência. Contudo, há também intérpretes que buscam defender o perspectivismo de forma epistemológica, isto é, interpretam a tese de Nietzsche parcialmente quando a reduzem a uma teoria do conhecimento, pois como vimos é clara a defesa de um perspectivismo vital. Antônio Marques, por exemplo, em *A filosofia perspectivista de Nietzsche* (2003), defende uma posição na qual lê nosso filósofo por meio de lentes kantianas. Por esse motivo, interpreta o perspectivismo como uma filosofia do conhecimento que tem “em sua matriz o sujeito auto-afirmativo da modernidade filosófica”. Tal interpretação não leva em consideração, portanto, a própria crítica de Nietzsche à ideia de sujeito auto-afirmativo e a concepção moderna de conhecimento. Segundo Eder Corbanezi(2014. p.36), “Antônio Marques trata o perspectivismo sobretudo como uma teoria do conhecimento. Além disso, estabelece um vínculo estreito entre as noções de perspectiva e de sujeito e considera o perspectivismo como antropomórfico e antropocêntrico, sem mencionar que, no limite, o perspectivismo implica a crítica de tais noções”.

Nietzsche na seção 374 de *Gaia Ciência*, a interpretação. Uma vez determinada a perspectiva, uma determinada interpretação emergirá. Já mencionamos o questionamento de Nietzsche sobre o caráter perspectivístico da existência e vimos que tal relação é defendida pelo autor. Veremos agora que, se a existência do cosmos e de suas entidades dependem de perspectivas, faz-se necessário assumir que também dependem de interpretações.

## 3.2 Interpretação

Dada a nossa escolha de intitular o segundo capítulo com a seguinte pergunta: “O que existe? Perspectiva e interpretação!” e ter explorado na seção 3.1 a noção de perspectiva, devemos agora nos preocupar nesta seção com dimensão interpretativa da existência.

O conceito de interpretação na obra de Nietzsche é constantemente citado sempre acompanhado da temática da existência e das vontades de potência. Logo de início, vemos que, se o nosso autor utiliza desse termo quando fala sobre as vontades de potência em sua obra, podemos inferir que para além do caráter perspectivo da existência, Nietzsche procura nos mostrar que o mundo encerra “infinitas interpretações”. [...]”. (GC §374).

A seção que temos analisado desde o início do capítulo, nos deixou claro a hesitação de Nietzsche quando este assume a hipótese de que “se uma existência sem interpretação, sem “sentido”[*Sinn*], não vem a ser justamente “absurda” [*Unsinn*]”.(GC §374). Essa hipótese, como já vimos, se confirma quando analisamos o conjunto da obra de Nietzsche. Nesse sentido, seria *sim* absurdo pensar numa existência sem interpretação. Mas o que devemos levar em conta nessa proposição é a associação que Nietzsche faz entre *interpretação* e *sentido*. Antes, contudo, precisamos deixar claro que, para o nosso autor, “toda efetividade é interpretativa, isto é, interpretante e interpretável”. (CORBANEZI, 2014, p. 30). Os “em-sis” tão enraizados na cultura intelectual do ocidente, em Nietzsche, começam a perder forças. Em uma de suas afirmações mais conhecidas e mais criticadas, ele diz:

“Contra o positivismo, que fica no fenômeno “só há fatos”, eu diria: não, justamente não há fatos, só interpretações [Interpretationen]. Não podemos verificar nenhum fato “em si”: talvez seja um absurdo querer uma tal coisa. “Tudo é subjetivo”, dizeis: mas já isso é interpretação [Auslegung].” (VP 481 - [c] A crença no “Eu”. Sujeito)

Uma vez que só há interpretações, Nietzsche nos convida à atividade filosófica a partir de novos paradigmas. Não devemos lidar mais com a dureza de fatos absolutos fundados nos termos

socráticos e incorporados pela cultura ocidental através dos moldes cristãos e científicos. Pelo contrário, Nietzsche introduz na história do pensamento filosófico que a condição de possibilidade do mundo se faz presente não no mundo de forma isolada, mas sim naquele que o *interpreta*.

Se a condição de possibilidade do mundo e de suas entidades dependem de uma determinada perspectiva e, essa perspectiva engendra uma interpretação, vemos que a interpretação diz respeito ao efetivar-se das vontades de potência. Como já mencionamos, as perspectivas são sempre perspectivas das vontades de potência. Se são elas que configuram as perspectivas, são elas que interpretam. Isso fica evidente quando Nietzsche evidencia que

A vontade de poder interpreta: na formação de um órgão trata-se de uma interpretação; ele delimita, define graus, diferenças de poder. Meras diferenças de poder ainda não poderiam sentir a si mesmas como tais: há de existir um algo que quer crescer, que interpreta cada outro algo que quer crescer a partir de seu valor. *Nisso são iguais – Na verdade, interpretação é um meio próprio de assenhorar-se de algo. (O processo [Prozess] orgânico pressupõe um ininterrupto interpretar.)* (VP § 643)

A interpretação, nesse sentido, vincula-se ao modo de assenhorar-se das vontades de potência. O assenhoramento, a subjugação das vontades de potência efetivam-se, portanto, por meio do processo de *interpretação*.

Até agora chegamos às seguintes conclusões: As vontades de potência (afirmativa e negativa) são o mundo interno das forças. Essas forças são genealogicamente diferenciadas pelas vontades de potência, ou seja, são diferentes de origem. As forças ativas e reativas, por conseguinte, são os instrumentos das vontades de potência. Em permanente tensão, as forças buscam sempre mais potência. Essa busca engendra configurações temporárias de forças (corpos) que irão sempre ter perspectivas distintas, isto é, irão sempre “lutar” a partir de um determinado lugar. Sendo assim, esse lugar faz com que as forças - determinadas pelas vontades de potência - busquem mais potência através do assenhoramento das forças opostas. As vontades de potência interpretam na medida em que são elas que i) determinam as forças, ii) configuram perspectivas e, por isso, iii) assenhoram-se de outras forças.

## Como entende Marton

“É no quadro da cosmologia que Nietzsche entende o interpretar. Presente nos instintos ou afetos que habitam o homem, a vontade de potência imprime-lhes direções diversas. Exercendo-se nos ínfimos seres vivos que constituem o organismo, ela, como vontade orgânica, confere-lhes sentidos vários. Manifestando-se nas diferentes configurações de forças, ela, enquanto caráter intrínseco da força, constitui o próprio interpretar. No embate do homem com o meio, na luta entre os órgãos, tecidos ou células, no combate entre as forças, deparam-se múltiplas interpretações; cada uma delas surge a partir de determinada perspectiva.”(MARTON, 1990,p.210-11).

Vemos, assim, que a interpretação é o modo através do qual as vontades de potência assenhoram-se umas às outras . Dado isso, “ Na medida em que as configurações de forças se sucedem, surgem sempre outras perspectivas e, portanto, outras interpretações.” (MARTON, 1990, p.211). O mundo, então, como quer Nietzsche, encerra-se em “infinitas interpretações”. Devemos lembrar que, tendo em vista o caráter expansivo e dominador da vontade de potência, suas interpretações operam por meio do assenhoramento e, por isso, essas interpretações irão, constantemente, tentar dominar umas às outras; afinal, a vontade de potência interpreta para dominar.

Voltemos agora para a relação que apontamos anteriormente entre a *interpretação e o sentido*. Nietzsche diz que “Tanto quanto a palavra “conhecimento” tem sentido, o mundo é conhecível: mas ele é interpretável de outra maneira, ele não tem nenhum sentido atrás de si, mas sim inúmeros sentidos. “Perspectivismo”. (VP § 481). Vemos que o sentido advém justamente da interpretação. Quer dizer, se o mundo encerra-se em infinitas interpretações, ele, antes de ser platônico, é dotado de inúmeros sentidos, isto é, recebe um sentido dependendo da interpretação que recebe. Por isso, “uma coisa não tem *um* sentido, *uma* direção, *uma* finalidade, *uma* função, *uma* utilidade *em si*.”(CORBANEZI, 2014, p.32). Pelo contrário, Nietzsche vê e abraça o pluralismo. O que nosso filósofo defende é que os cosmos e suas entidades não têm um sentido esperando para ser descoberto, *o sentido lhes é atribuído pela interpretação*. Na seção 12 da segunda dissertação de *Genealogia da Moral* Nietzsche nos esclarece brilhantemente:

“Mas todos os fins, todas as utilidades são apenas *indícios* de que uma vontade de poder se assenhoreou de algo menos poderoso e lhe imprimiu o sentido de uma função; e toda a história de uma “coisa”, um órgão, um uso, pode desse modo ser uma ininterrupta cadeia de signos de sempre novas interpretações e ajustes, cujas causas nem precisam estar relacionadas entre si, antes podendo se suceder e substituir de maneira meramente casual. Logo, o “desenvolvimento” de uma coisa, um uso, um órgão, é tudo menos o seu *progressus* em direção a uma meta, menos ainda um *progressus* lógico e rápido, obtido com um dispêndio mínimo de forças - mas sim a sucessão de processos de subjugamento que nela ocorrem, mais ou menos profundos, mais ou menos interdependentes, justamente com as resistências que a cada vez encontram, as metamorfoses tentadas com o fim de defesa e reação, e também os resultados de ações contrárias bem-sucedidas. Se a forma é fluida, o “sentido” é mais ainda ...”. (GM, II, § 12)

Desta forma, Nietzsche está nos dizendo que as coisas, os corpos, são as interpretações de vontades de potência. Lembremos que o processo nunca cessa, já que as coisas e os corpos recebem sentidos diversos ao longo da história. Interpretar, sendo assim, é a ação de atribuir sentido por meio do assenhoreamento. Os sentidos, por isso, são da ordem do múltiplo, pois como vimos, as vontades de potência podem assumir diferentes formas, afirmativas ou negativas, que, em relação, configuram perspectivas variadas e que, conseqüentemente, engendram interpretações que atribuem sentidos distintos. Os sentidos são distintos pois, no final das contas, o mundo encerra-se em “infinitas interpretações”. Lembremos mais uma vez: o mundo é “a vontade de poder – e nada além disso!”. (VP § 1067). Ou seja, o mundo é aquilo que as variadas e singulares configurações de vontades de potência interpretam a partir de uma perspectiva.

Posto isso, devemos agora lidar com a noção de singularidade das configurações de perspectivas e interpretações das vontades de potência. Essa tarefa nos guiará para o terceiro e último capítulo.

### 3.3 Configurações singulares das vontades de potência

Segundo Eder Corbanezi(2014) existe singularidade na configurações de perspectivas e interpretações na medida que

“ela não é igual a nenhuma outra configuração de vontades de potência, [...] ela não pode colocar-se simultaneamente no mesmo lugar de nenhuma outra configuração de vontades de potência e, por fim, [...] é impossível que alguma outra configuração de vontades de potência se coloque ao mesmo tempo em seu lugar, a fim de partilhar a mesma perspectiva e a mesma interpretação.” (p.41-2)

Dada essa singularidade, algo se põe como evidente. A constituição dos corpos e das coisas dependem da *relação* entre as configurações singulares das vontades de potência. A relação assume, deste modo, um papel fundamental, pois Nietzsche defende um cosmos que depende da coexistência de diferentes formas de vida, isto é, de diferentes configurações de perspectivas e interpretações das vontades de potência.

Se é a partir das configurações de perspectivas e interpretações das vontade de potência que existe sentido no mundo, a relação tem de se dar por meio de configurações “radicalmente singulares”(CORBANEZI, 2014), caso contrário a ideia de movimento cairia em contradição. Não só o movimento, mas a própria vontade de potência, já que se as configurações fossem iguais em potência, não haveria a possibilidade de relação, pois as forças seriam todas ativas ou todas reativas. Esse cenário não se mostra como nietzschiano. Nesse sentido, a defesa de configurações radicalmente singulares reside na concepção de Nietzsche acerca da complexidade que cada configuração pode carregar. É necessário lembrar que estamos falando aqui de uma totalidade cósmica, levando em conta o humano e muitas outras entidades. Em outras palavras, poderíamos dizer que cada configuração carrega uma perspectiva singular e, por isso, interpreta singularmente.

Assim, a efetividade tal como Nietzsche a interpreta é complexa e, segundo nosso autor, aqueles que não a compreendem assim a simplificam de maneira grosseira e descabida. Dentre as configurações singulares das vontades de potência, existe a perspectiva e a interpretação humana.

Contudo, não podemos falar em “a” perspectiva ou “a” interpretação do “humano”, já que expomos acima o caráter múltiplo das configurações singulares. Isso quer dizer que o humano, para Nietzsche, existe a partir de configurações diferentes de vontades de potência. Logo, não podemos falar em *uma* perspectiva humana e *uma* interpretação humana, mas sim em *múltiplas perspectivas e interpretações humanas*. Aqui percebemos um olhar antropológico de Nietzsche.

No próximo capítulo nos debruçaremos nos assuntos que dizem respeito ao humano propriamente. Pretendemos tratar de temas caros a Nietzsche como a moral e o conhecimento. Sendo assim, buscaremos ver que, se o mundo se faz por meio das variadas configurações de perspectivas e interpretações das vontades de potência, o humano e os fenômenos que dele são originados, como sendo instâncias da vida, devem ser compreendidos da mesma forma, isto é, devem ser concebidos por meio das singularidades que lhes são próprios.

#### 4. Humano como instanciação da vida

*“Deve ser uma necessidade de primeira ordem, a que faz sempre crescer e medrar essa espécie hostil à vida. Deve ser interesse da vida mesma, que um tipo tão contraditório não se extinga. Pois uma vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento impar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força; aqui o olhar se volta, rancoroso e pérfido, contra o florescimento fisiológico mesmo, em especial contra a sua expressão, a beleza, a alegria; enquanto se experimenta e se busca satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, autoflagelação e auto sacrifício.” (GM, III , §11)*

Neste terceiro e último capítulo, buscaremos evidenciar as implicações do perspectivismo entendido como vital tanto no âmbito moral quanto no âmbito epistêmico.

Nos capítulos anteriores vimos que vida é vontade de potência. Esta é considerada por Nietzsche o mundo interno da força, característica segundo a qual possibilita as forças serem diferentes de origem e suas relações. Diferentes de origem porque é a vontade de potência que, atuando como *devir ativo ou reativo*, expressa-se como força ativa ou reativa, definindo, assim, suas qualidades. Possibilita suas relações porque é também a vontade de potência que, agindo como *páthos*, engendra a capacidade da força de ser afetada o que, conseqüentemente, promove o devir.

Isso nos levou a confirmação de que o mundo, para o nosso filósofo, é “a vontade de poder – e nada além disso!”.(VP § 1067). Entretanto, vimos que a vontade de potência tem um *modus operandi* próprio. Quando Nietzsche nos diz que o perspectivismo é a “[...]condição básica de toda a vida”(BM, 2005, p. 08), devemos entender que trata-se da própria vontade de potência, já vida e vontade de potência são uma e mesma coisa. Assim, o perspectivismo é condição básica da vontade de potência. Ou seja, a vontade de potência opera de forma perspectivista. Segundo Nietzsche, “sem sabê-lo [os físicos], omitiram algo da constelação: justamente o necessário perspectivismo, em virtude do qual cada centro de força – e não somente o homem – constrói a partir de si todo o mundo restante, isto é, mede, apalpa, forma pela sua força...”. (VP § 636). Dessa forma, é a partir de um centro de força, e não somente o homem, que o mundo se constrói. Já que a vontade de potência é o mundo interno da força, devemos entender que o necessário perspectivismo diz

respeito à vontade de potência. Dito isso, o cosmos e suas entidades fazem-se a partir de centros de forças que, determinados pelas vontades de potência, atuam de forma perspectivista.

A interpretação assume uma posição relevante do *modus operandi* da vontade de potência. Uma vez esclarecido que a vontade de potência opera de forma perspectivista, vimos que ela também necessita da interpretação para engendrar o devir. Nietzsche já nos disse: “A vontade de poder interpreta” e, logo em seguida clarifica o que interpretar significa em sua cosmologia, “Na verdade, *interpretação é um meio próprio de assenhorar-se de algo*” (VP §643). Vemos, assim, que a interpretação é o modo através do qual as vontades de potência assenhoram-se umas às outras, o que acaba conduzindo o comportamento das forças a fazer o mesmo. Lembrando que “a força é o que pode, a vontade de potência é o que quer”.(DELEUZE, 2018, p.69). A vontade de potência põe perspectiva e interpreta e as forças apenas dão corpo às suas demandas, isto é, sofrem suas exigências. Mediante esse processo, o cosmos e suas entidades ganham *sentido*.

Nietzsche nos esclareceu que “Tanto quanto a palavra “conhecimento” tem sentido, o mundo é conhecível: mas ele é interpretável de outra maneira, ele não tem nenhum sentido atrás de si, mas sim inúmeros sentidos. “Perspectivismo”. (VP § 481).O que nosso filósofo defende é que o cosmos e suas entidades não têm um sentido esperando para ser descoberto, *o sentido lhes é atribuído pela interpretação*. Quer dizer, será a partir de uma determinada configuração de forças, que são reflexos das vontades de potência, que uma perspectiva tomará lugar e que, conseqüentemente, uma interpretação emergirá. Essa interpretação, esse assenhoramento como já dissemos, dá sentido ao cosmos e às suas entidades. Não podemos, portanto, entender a cosmologia de Nietzsche a partir dos termos metafísicos tradicionais como substância, imutabilidade, atemporalidade e universalidade. Ao contrário, se o mundo encerra-se em infinitas interpretações, tal como quer Nietzsche, ele, antes de ser platônico, é dotado de inúmeros sentidos, isto é, recebe um sentido dependendo da interpretação que recebe. Não podemos, por isso, defender um sentido inato ao mundo, devemos antes ver qual configuração de forças - determinadas pelas vontades de

potência - o está interpretando. Como bem coloca Deleuze: “Jamais encontraremos o sentido de uma coisa (fenômeno humano, biológico ou até mesmo físico) se não soubermos qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se expressa”. (DELEUZE, 2018, p.11)

Nesse sentido, buscaremos esclarecer as implicações do perspectivismo entendido como vital nas dimensões morais e epistêmicas. Assim, buscaremos ver que, se precisamos saber qual força está por trás dos fenômenos para assim os compreendermos, precisamos tornar claro quais vontades de potência são as responsáveis por cada tipo de moral e de conhecimento. Em outros termos, precisamos fazer ver que a moral e o conhecimento terão formas e conteúdos distintos a partir das configurações de forças, isto é, receberão um certo sentido dependendo da perspectiva e da interpretação de uma determinada vontade de potência. Vemos, portanto, uma estrutura tipológica, onde moral e conhecimento, mas não só, existem em tipos, isto é, são implicações dos tipos de vontade de potência.

## 4.1 Moral

No primeiro capítulo apontamos para a tentativa de Nietzsche de pensar cosmologicamente e dar um único fundamento para diferentes esferas. Seria a vontade de potência o elemento cosmológico explicativo para os fenômenos biológicos, psicológicos e sociais. Como sabemos, o termo psicologia em Nietzsche recebe um significado diferente do usual. Segundo Marton, Nietzsche “define a psicologia como ciência que investiga a origem e a história dos sentimentos morais”. (MARTON, 1990, p.70). Contudo, indo contra à tradição metafísica, não defende uma perspectiva moral transcendente. Pelo contrário, Nietzsche defende uma fundamentação moral baseada espaço-temporalmente. Sendo assim,

Ele opera um corte em relação à metafísica: não se fundando na noção de alma humana, os sentimentos morais deixam de remeter a essências; eles surgem, modificam-se e, por vezes, desaparecem. Tendo uma origem e uma história, acham-se também relacionados com a organização social dos indivíduos, de tal forma que em diferentes sociedades existiriam diferentes morais.(MARTON, 1990, p.69)

Se devemos pensar os sentimentos morais historicamente, devemos também pensá-los como possíveis criações. Se nem sempre existiram, nasceram num determinado momento histórico. Esse levantamento impulsiona Nietzsche a fazer a tão necessária crítica aos valores morais. Nesse sentido, “o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão - para isto é necessário um conhecimento das *condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram*”(GM, prólogo, § 06) (grifo nosso).

Os valores morais, assim, são “humanos demasiado humanos”. Não podemos e não devemos entendê-los por meio de termos metafísicos. Se Nietzsche se interessou “nas condições e circunstâncias nas quais nasceram” é porque entende que “uma tábua de valores se acha suspensa sobre cada povo”(AZ I, Das mil metas e uma só meta) e esses mesmos valores “em algum momento e em algum lugar, simplesmente foram criados”(MARTON, 1990, p. 72).

A crítica, tal como Nietzsche a realizou, é de outra ordem. Se Kant quis fazer da razão sujeito e objeto da crítica, Nietzsche deu fundamentos para aquilo que acreditava ser a verdadeira crítica, pois tinha como um dos seus objetivos a análise de valores jamais questionados, como o Bem, o Mal e a Verdade. Tratava-se, assim, “não de princípios transcendentais, que são simples condições para pretensos fatos, mas de princípios genéticos e plásticos, que dão conta do sentido e do valor das crenças, interpretações e avaliações”.(DELEUZE, 2018, p. 121). Vemos que a crítica de Nietzsche é anterior a qualquer outro tipo de crítica, já que o nosso filósofo pretendeu fazer ver as condições de valoração do mundo, isto é, Nietzsche nos deixou, como um dos seus maiores legados, a genealogia.<sup>10</sup> Se o mundo recebe uma interpretação e é avaliado de uma determinada forma é porque existe nessa interpretação um âmagô que pulsa mais ou menos vida, de acordo com a interpretação do nosso autor, ou até uma pulsão de negação à vida. Isso nos leva novamente ao conceito de vontade de potência entendido como vida. Posto isso, “ se falamos em valores, falamos sob a inspiração, sob a ótica da vida: a vida mesma nos coage a instituir valores; a vida mesma valora através de nós, *quando* instituímos valores ...” (OI/CI, Moral como contranatureza, §05). É a vida, portanto, que valora; Quando valoramos trata-se da própria vida atuando. Nesse sentido,

É essa relação intrínseca entre moral e vida que torna possível o projeto de uma genealogia da moral como genealogia da vontade de potência que tem como objetivo avaliar os valores morais a partir da vida - e das forças que servem para defini-la - considerada como critério último de julgamento.(MACHADO, 2017, p. 80)

Indo contra o Eu, Nietzsche sempre nos deixou claro que a ideia de consciência e auto regulação não poderiam ser usadas como fundamento para a compreensão do homem. O homem entendido como instância da vida deve refletir o comportamento da própria vida: “processos vitais ascendentes e decrescentes”. (VP §339). Sendo assim, a moral torna-se espelho desses processos vitais para Nietzsche. Moral de senhor, moral de escravo, afirmação, negação, devir ativo ou devir reativo, nobres, ascetas, sim, não ... Todos esses termos refletem o *modus operandi* da vontade de

---

<sup>10</sup> A genealogia da moral, mas também a genealogia da verdade, onde Nietzsche busca entender qual tipo de vida que valoriza a verdade em detrimento da mentira.

potência, isto é, refletem os diferentes modos de vida e, por conseguinte, refletem as formas distintas de valoração. A seguir veremos como a moral decrescente opera. Em seguida apresentaremos a moral do ponto de vista ascendente.

#### 4.1.1 Decrescente/negação/reativo/escravo/asceta

A pergunta genealógica, a que busca avaliar o valor dos valores, pauta-se na tentativa de Nietzsche de ver na história exemplos das culturas e os seus modos de valoração para entender se certa cultura ou certa prática cultural estavam a favor da plenitude da vida, tal como Nietzsche a defendia, ou estavam baseadas em valores que degeneravam a vida.<sup>11</sup>

Como temos tentado mostrar, a vontade de potência - a vida - opera de forma perspectivista. Nesse sentido, a valoração do mundo e de suas entidades também ocorre dessa forma. Nietzsche nos clarifica: “Entendimento: em toda estimação trata-se de uma determinada perspectiva, a saber: *conservação* do indivíduo, de uma comunidade, de uma raça, de um Estado, de uma igreja, de uma fé, de uma cultura.” (VP § 259). Quer dizer, as valorações tendem a querer conservar um certo tipo de vida, sendo que existem tipos específicos que promovem a conservação por si só. Isso, segundo Nietzsche, é o que vem acontecendo no Ocidente com a moral ascética, já que essa espécie de vida “tem sua fonte no instinto de defesa e de salvação de uma vida em vias de degeneração que procura subsistir por todos os meios e luta por sua existência”.(GM, III, § 23). Em relação com as forças ativas, as forças reativas têm se mantido no poder e têm degenerado a vida. Assim, antes de buscar mais potência, a moral ascética atrofia a potência. Isso para Nietzsche é, literalmente, a degeneração da vida, já que este define a vida como vontade de potência.

---

<sup>11</sup> Vale ressaltar que o termo cultura aqui não abrange o que a antropologia, como disciplina, estuda historicamente. Apesar de ter um sentido parecido, não podemos confirmar a relação simétrica. A esse respeito, Marton nos esclarece: “Mas em que Nietzsche se baseia para assim caracterizar a moral dos nobres e a moral dos escravos? Estariam elas fundadas em posições teóricas previamente assumidas ou em dados de realidade simplesmente constatados? Seriam fruto de uma elaboração conceitual ou objeto de mera descrição? “Em uma perambulação através de muitas morais, mais refinadas e mais grosseiras, que até agora dominaram sobre a terra ou ainda dominam”, declara o filósofo em *Para além de bem e mal*, “encontrei certos traços retornando juntos regularmente e ligados um ao outro; até que, por fim, dois tipos fundamentais se denunciaram a mim, e ressaltou uma diferença fundamental. Há moral de senhores e moral de escravos: acrescento desde logo que, em todas as civilizações superiores e mais mistas, entram também em cena ensaios de mediação entre ambas as morais, e ainda mais frequentemente a mescla de ambas e recíproco mal entendido, e até mesmo, às vezes, seu duro lado-a-lado — até no mesmo homem, no interior de uma única alma” (BM § 260). O texto revela que, num primeiro momento, para caracterizar os dois tipos de moral, o autor parece adotar como ponto de partida a pesquisa histórica. Examinando os elementos fornecidos pelo estudo das civilizações passadas, deles depreende dois modos de comportamento, que, embora por vezes mesclados, são nitidamente distintos.(MARTON, 1990, 75-6.)

A diferença das distintas morais tem sua origem no elemento genético da força, a vontade de potência. Enquanto a moral nobre representa o devir ativo, ou seja, representa geneticamente a vida a partir de sua afirmação, a moral de escravo, e aqui devemos entender como a moral decrescente, degenerativa, ao invés de afirmar-se, apenas reage, negando a autoafirmação das forças contrárias. O devir reativo, portanto, é o seu criador. Assim, antes de existir por meio da forma afirmativa de vida,

a moral de escravos diz não, logo de início, a um ‘fora’, a um \* outro’, a um ‘não-mesmo’: e esse ‘não’ é seu ato criador. Essa inversão do olhar que põe valores — essa direção necessária para fora, em vez de voltar-se para si próprio — pertence, justamente, ao ressentimento: a moral de escravos precisa sempre, para surgir, de um mundo oposto e exterior, precisa, dito fisiologicamente, de estímulos externos para em geral agir — sua ação é, desde o fundamento, por reação. (MARTON, 1990, p. 73)

A moral de negação, por conseguinte, é o sintoma de um tipo de vida fraca, isto é, de uma forma de vida que afirma-se negando; “Negação e oposição: essa é a lógica da moral do ressentimento”. (MARTON, 1990, p. 73). Essa negação diz respeito ao modo afirmativo de vida. Assim, nega-se essa vida que é afirmativa e funda-se um modo de vida baseado no ressentimento e, para considerar-se superior, este modo de vida cria um mundo onde seu modo de ser é justificado, um mundo onde os valores de negação da vida superam os valores que afirma a vida; Esse mundo é o mundo monoteísta juidaco-critão. Estamos ainda falando da vida. A moral cristã, nesse sentido, exemplifica um tipo de vida que “é o dizer-não ao natural, o sentimento de indignidade no que é natural, a antinaturalidade” (VP § 147), é um modo de vida que quer estancar a própria fonte da vida.

Deleuze se coloca a pergunta “O que quer um homem do ideal ascético?” e em seguida responde

“Aquele que renega a vida é ainda aquele que quer a vida diminuída, *sua* vida degenerescente e diminuída, a conservação de *seu* tipo e, além disso, a potência e o triunfo do seu tipo, o triunfo das forças reativas e seu contágio. Nesse ponto, as forças reativas descobrem o aliado inquietante que as conduz à vitória: o niilismo, a vontade de nada. É a vontade de nada que só suporta a vida em sua forma reativa. É ela que se serve das formas reativas como do meio pelo qual a vida *deve* contradizer-se, negar-se, aniquilar-se.[...] A vontade de nada e as forças reativas são os dois elementos constituintes do ideal ascético.”(DELEUZE, 2018, p. 125)

Não é de se espantar, portanto, a aversão de Nietzsche com relação ao cristianismo e tudo o que a ele está relacionado. Esse ideal é o inverso daquilo que o nosso filósofo defendia. Esse modo de vida tem estruturado o Ocidente por mais de dois milênios. Nietzsche, por isso, quis a transvaloração de todos os valores. Ele representa o enfraquecimento dos valores cristãos na cultura Ocidental e quis fazer de sua filosofia uma filosofia do futuro. Apenas de dentro da história da filosofia essa concepção poderia ter emergido, já que é a própria filosofia nietzschiana o exemplo do esgotamento desse modo de vida.<sup>12</sup>

Trataremos, em seguida, do modo de vida contrário ao modo reativo. Veremos que a legitimação e a ação desse modo de vida é oriundo da sua autoafirmação, sem necessitar e sem preocupar-se com as consequências. Essa é a forma de vida que, por definição, é criadora de valores e, justamente por isso, é mais nobre, pois “vale mais” e vale absolutamente o que retorna, o que suporta retornar, o que quer retornar”.(DELEUZE, 2018, p. 113)<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Nietzsche sabia desse esgotamento. Ele deixou claro sua posição a esse respeito: “Por que o advento do niilismo é doravante necessário? Porque nossos valores até agora são aqueles mesmos que o acarretam como a sua última consequência; porque o niilismo é a lógica de nossos grandes valores e ideais pensada até o fim, – porque nós primeiro tivemos que vivenciar o niilismo para descobrir, ver por trás o que era propriamente o valor desses “valores”... Teremos necessidade, algum dia, de novos valores...(VP §04, prefácio)

<sup>13</sup> Aqui Deleuze relaciona o valor superior da afirmação com o eterno retorno. Esse modo de vida “vale mais” porque “o eterno retorno transmuta o negativo: faz do pesado algo leve, faz passar o negativo para o lado da afirmação, faz a negação sob essa forma nova: destruição tornada ativa, agressividade profundamente ligada à afirmação”.(DELEUZE, 2018, p. 113). Assim, ele nos faz ver que a “prova do eterno retorno não deixa subsistirem as forças reativas nem a potência de negar”(Ibid. p. 113), o eterno retorno faz da negação afirmação. Consequentemente, esse modo de vida, para Nietzsche, tem maior potência e, portanto, mais valor.

#### 4.1.2 Ascendente/afirmação/ativo/nobre

Esclarecido o *modus operandi* do modo negativo de vida, vamos agora nos debruçar sobre o modo ascendente, afirmativo de vida, tão caro a Nietzsche.

Vimos que Nietzsche associou a moral com a vontade de potência. Assim, sendo compreendida a partir de modos distintos, ela pode afirmar ou negar a vida. Se na seção anterior esclarecemos que o modo negativo, reativo da vontade de potência engendra valores que podem ser entendidos como “ascéticos” e negam a vida a favor de um mundo outro, aqui devemos ter em mente que trata-se do simetricamente oposto, a moral que afirma a vida: “a moral sadia”.

Sendo proveniente do devir ativo, a moral nobre deve ser compreendida como “a moral dos modos de ser das forças vitais que define o homem por sua potência, pelo que pode, pelo que é capaz de fazer”.(MACHADO, 2017, p. 88). Em sua origem, encontramos as forças ativas, que se autopropelam. Isso quer dizer que os valores engendrados desse modo de vida irão sempre estar de acordo com a máxima vital, isto é, irão sempre estar a favor da vida na sua busca por mais potência, diferente de moral escrava que atrofia a potência quando nega a vida. Sendo assim, a moral afirmativa é signo de plenitude da vida para o nosso filósofo.

A moral aristocrática, portanto, é da ordem do devir ativo, ela representa a vida em sua afirmação máxima, não se preocupa com consequências, sua necessidade interna é a de expandir a vida criativamente dando vazão à potência que lhe é intrínseca. Mas lembremos, os dois tipos de vida valoram distintamente porque são distintos de origem. Enquanto um tipo de vida quer expandir-se, um outro tipo de vida quer conservar-se. Assim, “viver é sempre querer mais potência, querer ser mais forte, mas isso significa tanto estender quanto conservar a potência.”(MACHADO, 2017, p. 101).

Dado isso, vemos que a moral, os valores, são reflexos dos tipos de vida, isto é, dos tipos de vontade de potência. Como anunciamos no capítulo dois, as vontades de potência operam de forma

perspectivista e interpretam o mundo. Esse processo dá sentido ao cosmos e as suas entidades a partir de um ponto de vista determinado. A moral, sendo assim, deve representar o modo pelo qual as vontades de potência valoram o mundo. Em outras palavras: é através da perspectiva de um modo de vida que os valores serão engendrados. Esses valores, por sua vez, denunciam a qualidade desse determinado modo de vida, isto é, os valores evidenciam se aquele modo de vida está a favor ou contra a própria vida. Ou seja, se é uma vontade de potência afirmativa, devir ativo, ou se é uma vontade de potência negativa, devir reativo.

Mais uma vez afirmamos o caráter perspectivista da existência em Nietzsche. Aqui tratamos da moral e deixamos claro que a valoração do mundo é feita pela própria vida. Na seção que se seguirá, trataremos da questão epistêmica do ponto de vista vital. Já que a moral, como vimos, reflete a vida, ou seja, a vontade de potência em suas variadas formas de existir e de valorar, o conhecimento terá de ser compreendido a partir dessa mesma lógica: também refletirá um determinado modo de vida, uma determinada vontade de potência. Iremos fazer ver, por exemplo, que partindo da questão sobre a vontade de verdade, Nietzsche nos esclarecerá que o modo de vida que busca a verdade está diretamente relacionada com o modo ascético de viver. Sendo assim,

A genealogia da verdade prolonga e completa a genealogia da moral. A crítica ao ideal de verdade, ao valor da verdade, é a extensão da crítica aos valores morais dominantes que têm origem na moral judaico-cristã, cujo núcleo essencial é o ideal ascético.(MACHADO, 2017, p. 108).

A vontade de verdade, como o centro de todo conhecimento científico, assim, mostrar-se-á como a extensão dos valores judaico-cristãos. Para além disso, queremos evidenciar que “No lugar da “teoria do conhecimento”, Nietzsche quer “uma doutrina das perspectivas dos afetos (à qual pertence uma hierarquia dos afetos)”. (VP § 462)

## 4.2 Conhecimento

*“Vontade de verdade” - poderia ser uma oculta vontade de morte. [...] Não há dúvida, o homem veraz, no ousado e derradeiro sentido que a fé na ciência pressupõe, afirma um outro mundo que não o da vida, da natureza e da história; e, na medida em que afirma esse “outro mundo” - não precisa então negar a sua contrapartida, este mundo, nosso mundo? ... Mas já terão compreendido aonde quero chegar, isto é, que a nossa fé na ciência repousa ainda numa crença metafísica - que também nós, que hoje buscamos conhecimento, nós, ateus e antimetafísicos, ainda tiramos nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina... (GC § 344)*

Como anunciamos há pouco, pretendemos fazer ver duas coisas principais: i. a teoria do conhecimento em Nietzsche transforma-se numa “doutrina das perspectivas dos afetos” e ii. o conhecimento científico opera a partir do ideal ascético, isto é, tem em sua base o mesmo valor considerado metafísico por Nietzsche, a vontade de verdade que, em outras palavras, poderíamos dizer que representa “o mesmo “empobrecimento da vida” que caracteriza a “moral dos escravos”.(MACHADO, 2017, p. 109). Assim, o segundo objetivo exemplificará o primeiro objetivo, pois é a vida, a vontade de potência a partir de diferentes perspectivas que interpreta, conhece e valora o mundo. Se a ciência opera a partir da lógica asceta, é porque em ambas as bases existe uma espécie de vida em comum. Por isso a ciência “não é o contrário do ideal ascético, é antes sua forma mais recente e mais elevada”.(GM, III, § 23)

### 4.2.1 Doutrina das perspectivas dos afetos

Acreditamos ter deixado claro até aqui que é a noção de vontade de potência o centro das questões nietzschianas, é a vida como vontade de potência que Nietzsche quer usar como ferramenta argumentativa para interpretar o mundo e dar-lhe inteligibilidade a partir de novos ares, já que a tradição metafísica do Ocidente tem sua base em conceitos e crenças nas quais Nietzsche quer transpassar, ou melhor, quer reinterpretar. Dentre esses conceitos e crenças podemos pensar em dois fundamentais: o sujeito auto-afirmativo, típico da modernidade, aquele que é consciente e representa o modelo de racionalidade a ser seguida, e a atribuição da universalidade aos conceitos originados dessa mente racional desse sujeito auto-afirmativo.

Indo além dessa dimensão superficial do conhecimento de um sujeito absolutamente consciente, Nietzsche estende o conhecer ao corpo, isto é, elabora uma “fisiologia da potência” “que tem como objeto principal os instintos, os impulsos, as pulsões”<sup>14</sup>(MACHADO, 2017, p. 129), os afetos, ao invés de uma teoria do conhecimento entendida nos modos clássicos.

No primeiro capítulo de nosso trabalho, Nietzsche nos deixou claro que “a vontade de poder é a forma de afeto primitiva, todos os outros afetos são apenas configurações suas”.(VP § 688). Dessa forma, vemos mais uma relação sendo criada. Se a vontade de potência é o primeiro afeto que desencadeia todos os outros e são esses afetos que conhecem, devemos entender que, no lugar do sujeito racional, Nietzsche dá lugar à vida, pois como já anunciamos, vida é vontade de potência. Em outras palavras, poderíamos dizer que Nietzsche coloca a própria vida como agente do conhecimento. Assim, quem conhece não é um “sujeito puro do conhecimento”. Pelo contrário, são os impulsos, as forças vivas direcionadas pelas vontades de potência que configuram os corpos e atuam como observadoras e, portanto, conhecedoras do ambiente. Desta maneira

Valorizando os instintos, a “fisiologia” de Nietzsche assume uma posição estratégica contra as definições do homem pela consciência, ou pela racionalidade. Uma das motivações principais de sua reflexão é a crítica ao primado ou à superestima da consciência. Crítica que se realiza com uma violência avassaladora.

---

<sup>14</sup> Nessa passagem Roberto Machado assume que utiliza desses termos “como sinônimos”.(MACHADO, 2017, p. 129)

A consciência não é o grau superior da evolução orgânica, não é o critério, o valor nem o objetivo supremo da vida; é um órgão, “como o estômago”; apenas um meio, um instrumento, entre outros, subordinado ao objetivo da vida, que é extensão e intensificação da potência.(MACHADO, 2017, p. 131)

Antes de ser aquela quem domina, a consciência está subordinada à vida. Ela, por conseguinte, não pode ser relacionada com a ideia de sujeito conhecedor porque, no final das contas, ela é apenas um meio utilizado pela própria vida. Sendo assim, privilegiar os impulsos, os afetos significa colocar a vida *antes* do sujeito cognoscente.

São os afetos - entendidos como as configurações das vontades de potência - que, portanto, conhecem. Daí o nome de “Doutrina das perspectivas dos afetos” que, na verdade, poderíamos ler como “Doutrina das perspectivas das vontades de potência”. A dimensão perspectivista da doutrina é no que consistiu o capítulo dois de nosso trabalho.

Como vimos, o perspectivismo é condição para a vida. Sendo assim, aqui o conhecimento deve ser compreendido a partir dessa relação entre vida e perspectivismo, o que, necessariamente, esgota a percepção moderna de universalidade, objetividade e neutralidade, pois o conhecimento sempre partirá da perspectiva de uma determinada configuração de forças. Essas, por sua vez, têm caráter singular. “Na base do conhecimento”, portanto, “se encontra a perspectiva da vida definida como vontade de potência”.(MACHADO, 2017, p. 137). Se não reconhecemos esse caráter, cairemos na crença moderna, mas também socrática, de que devemos dar maior importância ao “instinto lógico”(NT §13) do que ao instinto artístico. Segundo Nietzsche, é o instinto artístico que privilegia as pulsões criadoras e dá vazão à potência da vida. Teria sido Sócrates, dessa forma, o culpado em criar essa cultura racional que privilegia a consciência e a razão em detrimento dos afetos e pulsões da vida. Entretanto, essas duas formas de valorizar o mundo dizem respeito às formas distintas de vida, assim como evidenciamos na seção anterior com relação à moral. Vemos mais uma vez, portanto, a centralidade do conceito de vontade de potência em Nietzsche. A sua cosmologia é regida por este princípio que põe perspectivas e cria, introduz valores, sentidos no mundo. Logo, para entender esses valores e sentidos de mundo devemos sempre, como nos lembra

Deleuze, saber “qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se expressa”. (DELEUZE, 2018, p.11).

Na próxima e última seção veremos que, partindo dessa noção cosmológica através da qual começamos o nosso trabalho, a vontade de potência mostrar-se-á de fato como princípio que rege o cosmos e suas entidades. Ela mostrou-se até aqui como aquilo que põe sentido no mundo a partir de perspectivas determinadas. Sendo assim, faremos ver que o conhecimento científico, aquele que privilegia a racionalidade e a verdade, mostra-se como aliado ao ideal ascético. Ambos, nesse sentido, têm em suas bases um determinado modo de vida, uma determinada vontade de potência que, como veremos, é a vontade de potência negativa.

## 4.2.2 A relação entre cristianismo e ciência moderna

Como apontamos logo acima, Nietzsche, em sua crítica aos valores, entendeu que o modo de fazer ciência no Ocidente até então, estava vinculado a um modo de vida específico: a vida ascética. Logo, *o modo de valoração do cristianismo é o mesmo modo de valoração da ciência moderna.*

Machado nos esclarece

“Se a questão do conhecimento não pode ser elucidada limitando-se a seu interior é porque na base do conhecimento está a vontade e porque a vontade de verdade expressa sempre um determinado tipo de vontade de potência. A teoria nietzschiana da ciência é, portanto, uma genealogia da vontade de verdade que pretende determinar sua origem e seu valor a partir da vontade de potência”.(MACHADO, 2017, p. 108)

Isso é importante ressaltar porque nos evidencia que a ciência, aquela que pretendia tomar o lugar de Deus, acabou tomando da mesma taça dos valores judaico-cristãos. É a partir do valor da verdade, estipulado como o mais valioso entre os valores pela ciência, que Nietzsche consegue compreender a íntima relação entre o conhecimento científico e o ideal ascético.

Nietzsche entende que a vontade de verdade está intrinsecamente ligada à conservação da vida e não à sua expansão. Dessa forma, a vida é dominada pela vontade de potência negativa que quer conservar-se o que, como vimos, atrofia a potência. Mais uma vez, Machado é claro: “O perigo representado pela vontade ilimitada de conhecimento faz Nietzsche aproximar a vontade de verdade e vontade de morte, o que mostra como para ele a ciência é um sintoma de decadência.”(MACHADO, 2017, p. 110)

Nos fica claro, assim, que a ciência é considerada uma extensão dos valores do ideal ascético, já que o cerne de ambos, da ciência e do ideal ascético, é a *vontade de verdade*. Dada essa interpretação, elas

têm como base o mesmo terreno: a mesma superestimação da verdade (mais exatamente: a mesma crença no caráter inestimável e *incriticável* da verdade), são portanto necessariamente aliados, de modo que, se devem ser combatidos, só podem ser combatidos, postos em questão, juntos.(GM, III, § 25)

Devemos entender dessa maneira, pois como compreende Nietzsche, a vontade de verdade pressupõe uma negação da vida aparente com vistas de alcançar um “mundo-verdadeiro”. Esse modo de valorar a verdade mostra-se como a continuidade do ideal ascético devido a essa necessidade de buscar algo que não pertence a essa vida, indo de encontro com um mundo “superior”, onde nos fica clara a negação da vida tal como ela se apresenta. A verdade, assim, faria parte dos valores que são considerados superiores, assim como o Bem para o ideal ascético. Posto isso, ciência e ascetismo compartilham de valores metafísicos que privilegiam uma dimensão outra que, por princípio, deve negar a vida tal como Nietzsche a interpretava. Daí seu posicionamento contra ambos. Portanto,

Assim como a moral dos escravos é uma moral metafísica porque julga a vida a partir de “valores superiores” - a metafísica é por natureza niilista porque julga e desvaloriza a vida em nome de um mundo suprassensível - , a condição de possibilidade da ciência é, em última instância, a fé em um valor metafísico da verdade.(MACHADO, 2017, p. 113)

A vontade de verdade, por isso, mostra-se como dependente da crença na superioridade da verdade em relação ao falso. Mais uma vez nos fica claro a negação da aparência, pois a verdade tem mais valor do que a mentira, isto é, a crença na verdade é a supervalorização de uma essência em detrimento da aparência considerada falsa. Esse movimento, porém, significa, ao olhar de Nietzsche, a desvalorização da vida entendida como vontade de potência.

Se a vontade de verdade encontra-se com o ideal ascético no caminho que busca um outro mundo que não esse, é porque ambos compartilham o mesmo modo de valoração do mundo, isto é, a ciência é a filha bastarda do cristianismo. Antes de pensá-las separadamente, devemos, junto de Nietzsche, concebê-las conjuntamente. Isso se mostra necessário já que é a partir da mesma perspectiva que elas interpretam o mundo, a vida. A ciência, por isso, deve ser entendida a partir da história judaico-cristã, pois ela opera, valoriza, interpreta o mundo através das lentes do ideal ascético. Trata-se, assim, de compreender a vontade de verdade, axioma científico, como efeito histórico de um modo de vida que teve seus fundamentos a partir da introdução da superestimação da verdade: o socratismo, já que “a afirmação da *verdade a todo custo é socrática*”(SVM,

fragmentos póstumos, p. 61). Esse modo de vida deu base para toda a filosofia posterior, principalmente a platônica. O platonismo, por sua vez, é “cristianismo para o povo”(BM, prólogo) e o cristianismo dá à ciência sua forma de valorar. Vemos, nesse sentido, que Nietzsche põe em relação o socratismo, o platonismo, o cristianismo e a ciência. Uma cadeia de valoração da vida que tem em sua base a mesma forma de vida: a vontade de potência negativa. Esta quer antes conservar suas convicções o que, necessariamente, atrofia a potência que *precisa* exerce-se sobre os corpos infinitamente. Assim, Nietzsche acaba incluindo não só a ciência nos braços do cristianismo, mas também a própria história da filosofia que sucedeu a religião de matriz judaico-cristã.

Com isso, esse modo de vida denuncia que

Alguns ainda precisam da metafísica; mas também a impetuosa *exigência de certeza* que hoje se espalha de modo científico-positivista por grande número de pessoas, a exigência de *querer* ter algo firme (enquanto, no calor desta exigência, a fundamentação da certeza é tratada como maior ligeireza e descuido): também isso é ainda a exigência de apoio, de suporte, em suma, o *instinto de fraqueza que, é verdade, não cria religiões, metafísicas, convicções de todo tipo - mas as conserva*(grifo nosso). O fato é que de todos esses sintomas positivistas desprendem-se os vapores de um certo abatimento pessimista, algo de cansaço, fatalismo, decepção, temor de nova decepção - ou então raiva ostensiva, mau humor, anarquismo indignado e o que mais houver de sintomas ou mascaradas do sentimento de fraqueza.(GC § 347)

Sendo assim, vemos que o conhecimento deve ser entendido antes como uma “Doutrina perspectivista das vontade de potência”, pois é a vida que toma o lugar do sujeito auto-afirmativo moderno e exclui a universalidade de seus conceitos, já que a vida tem caráter perspectivista, isto é, interpreta o mundo e cria valores a partir de uma determinado ponto de vista, de uma determinada vontade de potência que pode estar a favor ou contra a expansão da vida. Justamente por isso, vimos que a ciência moderna, por compartilhar das mesmas bases do ideal ascético, ou seja, de operar e de valorar o mundo do mesmo jeito que o modo de vida ascético opera e valora, exemplifica a doutrina perspectivista das vontades de potência porque nos clarifica que, antes de assumirmos a subjetividade racional como conhecedora do mundo, devemos ir além e entender que essa maneira de existir e conhecer o mundo diz respeito a um determinado modo de vida; no caso

da ciência moderna, esse modo de vida é entendido como vontade de potência negativa, pois está contra a expansão da vida, já que representa aquele devir reativo, aquele modo de existir que busca a sua conservação e que *impede* a força vital de buscar mais potência. Impede pois valora o mundo por meio de valores superiores e “o que define o valor dos valores superiores é o *niilismo*”.(MACHADO, 2017, p. 112)(grifo nosso).

## 5. Considerações finais

Partindo da questão acerca do estatuto dos “pontos de vista”, vimos que o perspectivismo nietzschiano mostrou-se como provedor de algumas das perguntas que suscitamos. O conceito de vontade de potência associado à noção de vida nos levou adiante e nos fez ver que “esse mundo é a vontade de poder — e nada além disso”.(VP § 1067). Assim, vimos que é a vida, como vontade de potência, que é colocada no centro das investigações nietzschianas.

Além de mostrá-la como o elemento interno da força, Nietzsche atribuiu mais uma função à vontade de potência. Ela é o elemento que atua de forma genealógica nas forças e possibilita que essas forças existam de uma forma diferente uma da outra. É atuando como devir ativo e devir reativo que a vontade de potência faz com que a força exista de forma ativa ou reativa. Entretanto, vimos que ela também atua como *páthos* da força. Atuando como *páthos* é que a vontade de potência possibilita as forças entrarem em relação, pois sem essa capacidade de ser afetada, a força não poderia entrar em relação com outras forças. Assim, a vontade de potência dá às forças suas diferenças genéticas e faz com que as forças consigam entrar em relação. Logo, atuar como o elemento genealógico da força - fazer as forças existirem geneticamente diferentes - justifica a vontade de potência atuar também como o *páthos* que promove o devir. É o mesmo elemento, portanto, que possibilita a diferença e o devir dos corpos.

Ao afirmar que a *perspectiva* é “a condição básica de *toda a vida*” no prólogo de *Além do bem e do mal*, Nietzsche promove uma relação entre vida e perspectivismo, entre vontade de potência e perspectivismo. A partir daqui já não poderíamos mais aceitar a hipótese de que o perspectivismo nietzschiano diz respeito a uma simples epistemologia. A teoria mostra-se mais como uma ontologia do que uma teoria do conhecimento.

Na seção 374 de *Gaia Ciência* constatamos a hesitação de Nietzsche em afirmar que o caráter perspectivista estendia-se à toda existência, mas como nos mostrou Eder Corbanezi

permaneceu “aberta a possibilidade - não comprovável, mas tampouco passível de ser definitivamente rejeitada - de que o caráter perspectivístico e interpretativo se estenda a outros homínidos da existência que não apenas o humano.”(CORBANEZI, 2013, p.25). Sendo assim, passamos a ver que o caráter perspectivista da existência poderia ser confirmado. Uma teoria do conhecimento, dentro dessas circunstâncias, só poderia ser pensada a partir dessa mesma premissa, isto é, a partir desse caráter perspectivista da existência. É a vida, por conseguinte, entendida como vontade de potência, que toma o lugar da subjetividade cognoscente.

Se a vida deve existir a partir da contradição entre afirmação e negação, todos aqueles que a instanciam terão de compartilhar dessa mesma característica. Isso fica claro quando vemos que Nietzsche queria “um único e mesmo procedimento tanto na vida social e psicológica quanto na fisiológica”. (MARTON, 1990, p. 29) É o conceito de vontade de potência, dessa forma, que recebe o dever de atuar como elemento didático da interpretação nietzschiana do cosmos e de suas entidades.

Nesse sentido, vimos que são as distintas configurações de forças - determinadas pelas vontades de potência - que constroem perspectivas e interpretam o mundo. O mundo e as suas entidades para Nietzsche, por isso, só ganham sentido a partir do processo de interpretação que as vontades de potência precisam fazer para que dominem outras forças e aumentem sua potência. A interpretação na filosofia de Nietzsche, por isso, acaba recebendo uma nova configuração: o assenhramento. As forças - comandadas pela vontade de potência - criam perspectivas e interpretam para que possam se assenhorar de outras forças, já que a “vontade de potência não pode deixar de querer mais potência: este é seu caráter intrínseco”.(MARTON, 1990, p. 40)

É, portanto, a vontade de potência, recebendo tanto o caráter afirmativo quanto o negativo, que, efetivando-se perspectivamente, interpreta o cosmos, suas entidades e lhes fornece *sentido*. A moral e o conhecimento, como fenômenos humanos, isto é, como aspectos do real que instanciam a

vida, exemplificam que no lugar de seus fundamentos não está um sujeito puro, mas sim um modo de vida que pode afirmar ou negar a vida tal como Nietzsche a interpretava.

Quando falamos dos valores, vemos que Nietzsche reforça essa centralidade da vida. Nesse sentido, “se falamos de valores, falamos sob a inspiração, sob a ótica da vida: a vida mesma nos coage a instituir valores; a vida mesma valora através de nós, *quando* instituímos valores ...” (OI/CI, Moral como contranatureza, §05). É a vida, a vontade de potência, assim, que torna-se o sujeito.

Se a vontade de potência pode existir afirmando ou negando a vida, a moral e o conhecimento são abordados da mesma forma. Vimos que a moral ascética nega a vida quando institui “valores superiores”. Ela é originada, deste modo, daquele tipo de vida que reage à afirmação de um outro tipo de vida. Esse outro tipo de vida seria aquele que afirma a vida, dá vazão a potência e a deixa fluir no espaço em busca de mais potência.

O conhecimento, sendo assim, recebe o mesmo tratamento. Nietzsche nos mostrou que a ciência moderna compartilha os valores do ideal ascético e mostra que a vontade de verdade, na verdade, busca a conservação de seus valores. No entanto, querer conservar esses valores, para Nietzsche, implica dizer que o que rege aquele modo de vida é “o *instinto de fraqueza que, é verdade, não cria religiões, metafísicas, convicções de todo tipo - mas as conserva*”.(GC § 347).

A centralidade do conceito de vida, entendida como vontade de potência recebe, dessa forma, a sua devida atenção. É a vontade de potência, portanto, que irá, perspectivamente, interpretar o mundo e dar-lhe sentido.

Dada nossa iniciação à problemática, não podemos mais aceitar o perspectivismo de Nietzsche como “uma simples epistemologia”. Temos razões o suficiente para pesá-lo em termos vitais. Sendo assim, a interpretação de Marques, que mencionamos na introdução, perde potência quando não leva em consideração alguns dos fatores que apontamos como essenciais, a saber, a relação entre a vontade de potência e o perspectivismo, *entre a existência e o perspectivismo*.

## 6. Referências bibliográficas

**ALCIONE NICOLAY, D.** A pedagogia do afeto em Nietzsche-Spinoza: considerações a partir da leitura de Deleuze. Cad. Pes., São Luís, v. 22, n. 2, pg 45-57, mai./ago. 2015.

**CORBANEZI, E. R.** Perspectivismo e Relativismo em Nietzsche. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

**DALLA VECCHIA, R. B.** O(s) perspectivismo(s) de Nietzsche. Tese de Doutorado - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, 2014.

**DELEUZE, G.** Nietzsche e a filosofia. Tr. Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. n-1 edições, 2018.

\_\_\_\_\_. Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978- 1981). Fortaleza: Eduece, 2009.

**DIAS, R.M.** Nietzsche, vida como obra de arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

**FOUCAULT, M.** Aulas sobre a vontade de saber; tradução Rosemary Costhek Abílio. - São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2014.

**MACHADO, R.** Nietzsche e a verdade. Ed. Paz & Terra; 3ª edição, 2017.

**MARQUES, A.** A filosofia perspectivista de Nietzsche. São Paulo; Ed. UNIJUÍ, 2003.

**MARTON, S.** Nietzsche - Das Forças Cóslicas aos Valores Humanos. 1ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1990.

**MÜLLER-LAUTER. W.** A doutrina da vontade de poder em Nietzsche. Tr. Oswaldo Giacoia. São Paulo : ANNABLUME, 1997.

\_\_\_\_\_. Nietzsche: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia. Tr. Clademir Araldi. São Paulo: Ed. Unifesp, 2009.

**NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência.** Tr. Paulo César de Souza. - 1ª ed. - São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** Tr. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** Tr. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. **A Vontade de Poder.** Tr. Marcos Sinésio Pereira Fernandes Francisco José Dias de Moraes. – Rio de Janeiro : Contraponto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral.** Tr. Paulo César de Souza. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Obras completas.** Tr. Rubens Rodrigues Torres Filho. - 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo.** Tr. J. Guinsburg. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sobre a verdade e mentira.** Tr. Fernando de Moraes Barros - São Paulo: Hedra, 2008.